

novas da galiza

número

- ▶ **Consuma-se desfeita da ria de Ferrol**
- ▶ **Prisom para dous moços antifascistas de Vigo**
- ▶ **PP recupera goberno de Sada com tráfuga do PSOE**
- ▶ **CIG denuncia perseguição sindical em Gadis**
- ▶ **Radio Filispim aspira a ser a rádio livre de Trasancos**
- ▶ **'Treme a Terra' pola liberdade de expressom**

“O discurso como problema de Ordem Pública”

Colaboração especial para Novas da Galiza do jornalista português **Rui Pereira**

“Vale mais fazê-lo que mandá-lo”

Maurício Castro

Financiamento "popular" pola via rápida

O aparelho de propaganda da Junta da Galiza nom poupa esforços em apregoar de lés a lés que a via de alta capacidade do Morraço vai dar cabo dos problemas estruturais de comunicación e tránsito que a comarca arrasta há já muitos anos. Mas os factos mostram umha outra realidade bem diferente: um polígono industrial propriedade de Zona Franca, um asilo financiado por Caixanova e urbanizações luxuosas acometidas por empresas das famílias dos condes de Aldám e de Adolfo Domínguez, parecen ser as principais beneficiárias de umha via rápida que custará mais de dez mil millóns das antigas pesetas e da qual os vizinhos e vizinhas da zona desconhecem o traçado definitivo.

Reportagem de Xan de Camorga

Toda a gente sabe que o Partido Popular da Galiza, embora sendo, como é, umha sucursal do PP de Madrid, conta com umha forte infra-estrutura no nosso país, que lhe está a permitir govar a Junta desde há demasiado tempo. Jornais, propaganda, presentes, subornos, favores... constituem algunhas das palavras do dicionário fraguista enquadradas numha estratégia que é necessário subsidiar, o que torna imprescindível que o partido "popular" galego tenha que procurar constantemente novos métodos de financiamento. Porque tudo isto custa muito dinheiro. E já lá vam muitos anos.

Se em anteriores números do Novas da Galiza dávamos conta de algunhas das actividades ilegais, como o contrabando e o narcotráfico, que o partido de Rajoi utilizou na nossa terra para se financiar, agora apresentamos os novos métodos de arrecadação que utilizam para fazer chegar dinheiro ao partido pola via rápida. E nunca melhor dito. Estamos a falar das grandes obras que leva a cabo o Executivo galego com fundos públicos, que apenas beneficiam empresas que curiosamente se encontram na órbita de quem controla o poder autonómico. Assim sendo, auto-estradas, vias rápidas, estradas, etc., som, ao contrário do que à partida pudesse parecer, rentáveis métodos para lograr benefícios.

Bem se sabe que estas grandes obras infra-

estruturais contribuem para os governos, e para os partidos que os sustentam, com pingues benefícios que tomam possível que se mantenham no poder ano após ano. O caso da Galiza, como costuma acontecer, é mesmo exagerado, já que o PP foi o artífice da criação no nosso país de umha das maiores redes clientelista e caciquista do Estado espanhol, chegando a corromper até ao coração mesmo do sistema. Prova disto é a economia subsidiada que sofremos, a cultura institucionalizada que padecemos ou a sociedade adormecida contra a qual devemos lutar.

Um destes projectos faraónicos é a via rápida que o "insigne" ex-financiador do PP galego Xosé Cuiña imaginou para o Morraço, à volta da qual estão a surgir numerosas sociedades mais do que suspeitosas de conivência com a direita espanhola. Mas qualquer vizinho ou vizinha de qualquer vila galega sabe muito bem do que estamos a falar e com certeza poderá citar, polo menos, um outro exemplo diferente, umha nova obra, um grande projecto tam inovador como pouco prestável que em lugar de responder aos interesses das vilas em que se leva a cabo, nom consegue senom servir de caldo de cultura a diferentes géneros de especuladores que estão a jogar, com as cartas marcadas, à modalidade mais selvagem deste sistema capitalista e neoliberal.



segunda

novas da
galiza

Editora: Minho Media S.L.

Director: Ramom Gonçalves

Redaçom: Carlos B.G., Marta Salgueiro, J. Manuel Lopes, Antón Álvarez Sanz, Ivám García.

Correspondentes: *Compostela,* Beatriz Peres / *Vigo,* Xiana Gonzalez / *Lugo,* Joám Bagaria / *Bérxio,* Igor Lugris / *Corunha,* Armando Ribadulha / *Ourense,* Tiago Peres / *Paris,* J. Irazola / *Madrid,* José R. Rodriguez.

Colaboraços: Maurício Castro, Joám Carlos Ánsia, Santiago Alba Rico, Xesus Serrano, Kiko Neves, José R. Pichel, Ramom Pinheiro, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao.

Fotografia: Borxa Vilas, Rosa Veiga, Miguel García, Arquivo NGZ.

Humor Gráfico: Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho +1.

Publicidade: 639 146 523

Imagem Corporativa: Paulo Rico

Desenho gráfico e maquetaçom: Miguel García e Carlos Barros.

Correcçom lingüística: Eduardo Sanches Maragoto

NOVAS DA GALIZA
Apartado dos Correios 1069
27080 Lugo - Galiza
Tel: 639 146 523
novasgz@novasgz.com

As opinions expressas nos artigos nom representan necessariamente a posicòm do periódico. Os artigos som de livre reproducçom respeitandoo a ortografia e citandoo procedência. É proibido outro tipo de reproducçom sem autorizaçom expressa do grupo editor.

Fecho de Ediçom: 15.01.04

O discurso como problema de 'Ordem Pública'

Por Rui Pereira

"Mas o que há assim de tão perigoso por as pessoas falarem, qual o perigo dos discursos se multiplicarem indefinidamente? Onde está o perigo?"
Michel Foucault, *L'ordre du Discours*

No princípio de Outubro passado, a embaixada de Espanha em Lisboa assumia perante El Mundo e a Agência EuropaPress ter pressionado um canal privado de televisão em Portugal, para que não difundisse uma entrevista, acabada de realizar por mim, com dois porta-vozes da ETA. A cadeia não o reconheceu publicamente. Mas, depois de uma atitude jornalisticamente impecável por parte dos seus e das suas profissionais, a Administração acabou por cancelar a emissão do trabalho que a redacção já tinha preparado e começado a comercializar.

Via-Internet ou publicada pela imprensa em vários países, a história e a entrevista correram mundo.

Cuidadosamente excluídas, porém, dos circuitos televisivos. Banidas, inclusive, dos canais de imagem das grandes organizações jornalísticas internacionais. Como, de resto, das estações autonómicas do Estado espanhol, entre as quais a EITB -televisão basca-, para quem a resposta da ETA à apresentação por Ibarretxe do seu plano no parlamento de Vitória-Gasteiz, acontecida apenas uns dias antes, era matéria de primeira actualidade e máximo interesse jornalístico.

Alguma imprensa de Madrid noticiou a censura com mal disfarçado gozozjo. E o anel de silêncio televisivo espalhou os seus círculos de ferro por toda a Europa, em torno das palavras da ETA. A entrevista com os seus representantes era, cabe dizer, a última de uma série de mais de duas dezenas de outras realizadas com personalidades políticas bascas e espanholas, representantes partidários e empresariais, vítimas, cargos da magistratura, diplomatas. Gravado ao longo de 2003, esse material destinava-se a um documentário televisivo sobre o conflito entre os nacionalismos basco e espanhol e acabou por conhecer o mesmo destino.

Silenciadas ficaram, pois, vozes como as de Ibarretxe, Mírea Lluich, Margarita Robles, Xabier Arzallus, o então presidente do Círculo de Empresários Bascos, José Maria Vizcaíno, o ex-embaixador espanhol em Lisboa, Raul Morodo, mas também historiadoras e historiadoras, intelectuais, professores e professoras universitárias, jornalistas... Enfim, apenas do Partido Popular e do Governo de Madrid ninguém foi censurado porque se tinham antecipado. Tanto o deputado Jaime Mayor Oreja, como o

representante do Governo na Comunidade Basca, Enrique Villar, alegando impedimentos ou nem sequer respondendo aos pedidos por escrito que lhes foram dirigidos, recusaram participar.

O modo como a censura é abertamente proclamada por uma representação diplomática, disciplinadamente seguida pelas grandes organizações jornalísticas, veladamente saudada por diversos jornais e jornalistas e como, por fim, acaba por descrever uma bizarra parábola que exclui precisamente aqueles a quem não se destinava, forma uma chave interpretativa que permite extrair deste episódio mais do que uma enumeração casuística, toda uma chave de sentido que o transcende e nos interpela.

Controlo do discurso

Apesar de todos os riscos para a credibilidade democrática de um Estado que intervéem noutro país para silenciar um episódio de que não gosta, apesar de todos os riscos que a credibilidade da comunicação social corre ao aceitar docilmente essa intervenção, apesar disso, a verdade é que a história teve lugar.

Concretizou-se. Censores e censurados surgem de forma indiferente num retrato pouco piedoso de si próprios.

Uma imagem simbólica que faz aparecer em todo o seu miserável esplendor a imagem de interpenetração dos diversos poderes num sistema de dominação coerente, total e, acima de tudo, totalitário.

A disciplina com que poderes de Estado e universo supranacional de empresas privadas de comunicação social, em vários países, sujeitam e se sujeitam a uma operação grotesca para evitar que quatro minutos de televisão difundam fragmentos de um discurso não autorizado, demonstra o grau de degradação democrática a que todos estes poderes chegaram em nome da democracia. E da importância que atribuem ao controlo de todo o discurso socialmente reproduzido. O problema não é o que diz a entrevista, nem mesmo aqueles que nela falam. Mas sim o de demonstrar com a maior violência possível como ao poder é possível suprimir todo o indesejável. Como o caso demonstra, não foi a ETA que saiu censurada. Mas o resto, todas as outras pessoas. Todos e todas nós, em suma. Porque privados e privadas da informação que nos permite entender mais além do que a propaganda tenta obscurecer. Como escrevia Guy Debord, há quase vinte anos, "o espectáculo organiza com mestria a ignorância do que acontece e, logo de seguida, o esquecimento daquilo que pôde apesar de tudo tornar-se conhecido". Esta violentíssima instauração de uma

Esta operação grotesca demonstra o grau de degradação democrática a que todos estes poderes chegaram em nome da democracia

espécie de Ministério "talibã" da Virtude e da Verdade, em que o sistema de dominação contemporâneo se envolve a cada dia, não é nada de novo. A memória futura far-se-á dos vestígios do presente. O mundo dos media é a nova caverna onde se inscrevem as pinturas rupestres que deixaremos para quem, um dia, vier estudá-los. Mas é, também, uma questão pragmática, da ordem do presente.

Depois de organizar uma poderosa campanha internacional de propaganda em 1997, a propósito da morte do vereador Miguel Angel Blanco Garrido, Madrid tenta hoje silenciar o problema basco. Pela simples razão de ter culminado 14 meses de trégu unilateral da ETA, com a prisão de um dos negociadores com quem se sentara a uma mesa na Suíça. Não é fácil explicar ao mundo esse estranho modo de desejar a paz. E, portanto, a estridência moralista de outrora, dá lugar hoje ao silêncio sepulcral do inexplicável.

Porém, sabe-se, como qualquer despotismo pode garantir por mais ou menos tempo a submissão daqueles que domina. Mas, também, que não pode, nunca, com isso, torná-los felizes. Uma sombria realidade que os autoproclamados poderes democráticos da actualidade aprenderam dos passados ditatoriais em que se baseiam e dos quais provém. Daí a importância de policiar o discurso. De suprimir o contraditório, de militarizar a propaganda e de se fazer disso símbolo omnipresente e expedição punitiva.

É fundamental deixar claro como qualquer manifestação dos dominados e dominadas apenas pode acontecer se convocada ou, no mínimo, autorizada e controlada pela dominação. Um simples suspiro exterior a este imperativo acende semáforos vermelhos de pânico em todos os cruzamentos de um sistema de poder cada vez mais violento porque mais fragilizado. Para além de toda a retórica, esta é a perigosa realidade com que os dominados e dominadas devem viver.

Mas as e os dominadores também. E, como um estranho fundo musical, ecoa a pergunta inicial de Michel Foucault: Onde está o perigo? Para os dominados e dominadas, sim. Mas, e mais uma vez, para os e as dominadoras também...

sumário



PP e afins lucram com a via rápida do Morraço

NGZ desvela os negócios ocultos por trás da via de alta capacidade do Morraço

7

O inferno na prisom da Lama

Fran del Buey aproxima-nos da deplorable situación da macrocadeia da Lama



10



Vale mais fazê-lo que mandá-lo

Maurício Castro valora a luta contra a simbologia fascista desenvolvida polo independentismo

13

Biografía vincula Álvaro das Casas com o fascismo

O ensaio elaborado por Uxio-Breogán Diéguez presenta provas documentais



12



Entrevista a José Constenla

Os nossos colaboradores conversam com unha das promesas da cançon de intervención galega.

15

editorial

Financiamento 'popular' pola via rápida

Toda a gente sabe que o Partido Popular da Galiza, embora sendo, como é, unha sucursal do PP de Madrid, conta com unha forte infra-estrutura no noso país, que lle está a permitir gobernar a Junta desde há demasiado tempo. Jornais, propaganda, presentes, subornos, favores... constituem algunhas das palabras do dicionário fraguista enquadras numha estratégia que é necessário subsidiar, o que torna imprescindível que o partido "popular" galego tenha que procurar constantemente novos métodos de financiamento. Porque tudo isto custa muito dinheiro. E já lá vam muitos anos.

Se em anteriores números do Novas da Galiza dávamos conta de algunhas das actividades ilegais, como o contrabando e o narcotráfico, que o partido de Rajói utilizou na nossa terra para se financiar, agora apresentamos os novos métodos de arrecadação que utilizam para fazer chegar dinheiro ao partido pola via rápida. E nunca melhor dito. Estamos a falar das grandes obras que leva a cabo o Executivo galego com fundos públicos, que apenas beneficiam empresas que curiosamente se encontram na órbita de quem controla o poder autonómico. Assim sendo, auto-estradas, vias rápidas, estradas, etc., som, ao contrário do que à partida pudesse parecer, rentáveis métodos para lograr beneficios. Bem se sabe que estas grandes obras infra-estruturais contribuem para os governos, e para os partidos que os sustentam, com pingues beneficios que tornam possível que se mantenham no poder ano após ano. O caso da Galiza, como costuma acontecer, é mesmo exagerado, já que o PP foi o artífice da criação no nosso país de umha das maiores redes clientelista e caciquista do Estado espanhol, chegando a corrupção até ao coração mesmo do sistema. Prova disto é a economia subsidiada que sofremos, a cultura institucionalizada

que padecemos ou a sociedade adormecida contra a qual devemos lutar.

Um destes projectos faraónicos é a via rápida que o "insigne" ex-financiador do PP galego Xosé Cuiña imaginou para o Morraço, à volta da qual estão a surgir numerosas sociedades mais do que suspeitas de conivência com a direita espanhola. Mas qualquer vizinho ou vizinha de qualquer vila galega sabe muito bem do que estamos a falar e com certeza poderá citar, polo menos, um outro exemplo diferente, umha nova obra, um grande projecto tam inovador como pouco prestável que em lugar de responder aos interesses das vilas em que se leva a cabo, nom consegue senom servir de caldo de cultura a diferentes géneros de especuladores que estão a jogar, com as cartas marcadas, à modalidade mais selvagem deste sistema capitalista e neoliberal.

Prova palpável do que a Junta está a arriscar no Morraço e do grande interesse que tem em acabar as obras o mais depressa possível é o facto de que as vilas da comarca fossem tomadas polas forças repressivas espanholas para velar polo cumprimento dos prazos e impedir a paralisação das obras por parte dos vizinhos e vizinhas, que saem à rua diariamente em protesto polos numerosos inconvenientes que estão a causar os trabalhos. E evidentemente nom lhes faltam razons: estamos a falar de umha construçom que conta com um orçamento de perto de dez mil milhões das antigas pesetas, ainda que as estimativas mais "optimistas" evidenciem que finalmente o custo total poderá chegar a se duplicar.

Na reportagem central deste número apresentamos as diferentes empresas que vam tirar rendimento da obra após a conclusom da via rápida. Para vindouros capítulos deixamos aquelas que se estão a enriquecer com a sua construçom.

Pepe Carreiro



notícias

Oposição do ambientalismo nom impede avanço das obras do porto exterior nem central de gás

Consuma-se desfeita da ria de Ferrol

A ria de Ferrol, conhecida pola sua especial constituição geológica e variedade de habitats, nom demorou a se situar como alvo prioritário da maquinaria dos grandes poderes

económicos e da sua filosofia do máximo rendimento. Os dous megaprojectos já em andamento -central regaseificadora e porto exterior - enquadram-se na linha de produtivismo sem

trêgua, culto às infra-estruturas e desconsideração ambiental que comandam o chamado Plan Galicia.

Redaçom

O caso da central regaseificadora de Mugarbos foi o que provocou umha maior polémica. Os grupos promotores da obra, velhos conhecidos da população galega neste tipo de episódios, agruparam-se discretamente na sociedade chamada REGANOSA que oculta umha coligação empresarial na qual figuram Endesa, Uniom Fenosa, Grupo Tojeiro, Sonatrach, Caixa Galiza, Banco Pastor e Caixa Nova, e à qual aderiu a própria Junta da Galiza. Para além de considerações ambientais, a evidente positividade de umha instalação que se levanta contra a mais elementar legislação vigente originou a uniom de um amplo leque de sectores a favor de umha outra situação para a central. Com efeito, esta vai situar-se no interior da ria e a só 100 metros de um núcleo de população, Penedo, e a menos de um quilómetro da própria cidade de Ferrol. A própria lei estabelece que umha instalação destas características deve localizar-se polo menos a 2000 metros de qualquer lugar habitado. Porém, foi o ambientalismo organizado, nomeadamente a ADEGA, que de maneira mais detalhada anali-

sou os efeitos do projecto, mostrando umha oposição mais contundente, descartando qualquer mudança de assentamento e apostando na paralisación do projecto. Ainda reconhecendo o menor impacto ambiental do consumo de gás natural liquefeito face ao que supõem o carvóm ou o petróleo, ADEGA denunciou que o enorme recheio a construir sobre a ria -mais de 100000 m2 de superfície- fará desaparecer um dos bancos marisqueiros mais produtivos do País. O Grupo Tojeiro -proprietário de Florestal do Atlântico, cujas instalações lindam com as da central- aproveitou a construção para soterrar grandes quantidades de resíduos tóxicos sob os entulhos. Perante quem afirmava que a solução do problema se produziria com a reinstalação da central em Canelinhas, a organização ambientalista esclareceu que isto seria mais um atentado ambiental consumado em flagrante ilegalidade, já que o espaço em causa foi nomeado Lugar de Importância Comunitária (paradoxalmente, por parte da própria Junta da Galiza) para integrar a Rede Natura 2000 sob o nome de Costa Ártabra. Por seu turno, as obras do porto



exterior, situadas em Canelinhas, motiváram umha oposição menor, por estarem apoiadas polo conjunto dos partidos institucionais e das forças sindicais, inclusive polo nacionalismo maioritário, que se apressáram a avalizar o projecto por causa da sua grande rentabilidade em postos de trabalho e dinamização da comarca. Tam-só o ambientalismo e o independentismo mostráram o seu desacordo com a iniciativa, nomeadamente NÓS-UP Trasancos, que se tem destacado na denúncia do projecto que impulsionou a Autoridade Portuária de Ferrol-Sam Cibrao, directamente dependente do

Estado espanhol sem intermediação autonómica. Para ADEGA, a construção do dique de abrigo de mais de 1000 metros de comprimento, junto com o recheio correspondente a umha enorme esplanada, fechará grande parte da ria e provocará a alteração das marés e correntes, afectando de maneira irreversível o sector pesqueiro e marisqueiro da ria. Aliás, o recheio já em andamento dará cabo de toda a vida marinha à sua volta e porá em perigo parte da riqueza ambiental da zona. O mais destacável dos dous projectos é, em primeiro lugar, a sua manifesta ilegalidade, mas isto

nom impede que continue a sua execução e que sejam apresentados à sociedade como grandes acontecimentos encaminhados ao progresso económico. Neste sentido, a ADEGA tem-se dirigido à Comissom Europeia a denunciar as responsabilidades e a informar a UE daqueles pontos em que as novas infra-estruturas infringem a lei. A intensa campanha mediática que visa associar este tipo de iniciativas com bem-estar e avanço colectivo, junto ao apoio inequívoco do BNG e da CIG aos projectos, contribuíram para enfraquecer a resposta popular pola paralisación.

Novo código penal estreia-se na Galiza com prisom para dous antifascistas

Redaçom

AMuito se tem debatido nos últimos meses sobre a reforma do código penal impulsionada polo governo do PP que tam bem resumiu o presidente Aznar com aquela solene declaração de 'varrer da rua a pequena delinquência'. Com o intuito de engordar eleitoralmente a custa da promovida sensação de 'insegurança cidadã' que trazem os ventos do neoliberalismo, mas também seguindo o ronssel 'antiterrorista' gerado pelas forças conservadoras após o 11-S, o PP pujo em andamento um novo código penal que continua a linha involucionista em direitos e liber-

dades iniciada polo PSOE em 1995. Os efeitos políticos notam-se agora, com a entrada na prisom de dous antifascistas acusados de prepararem um ataque contra a extrema direita na comarca de Vigo. Os moços A.N.A. e R.R.F. foram surpreendidos a 5 de Maio de 2001 pola Guarda Civil na estrada entre Vigo e o Porrinho, quando, ao que parece, preparavam o lançamento de artefactos incendiários no momento em que passasse o autocarro que transferia a claue neonazi 'Ultrasur' de volta para Espanha. Segundo a versom dos membros do corpo policial, decidiram investigar a propriedade de

um carro suspeito, que tinha a matrícula oculta, descobrindo a seguir dous moços com 'coquetéis molotov' ao lado da ponte que atravessa a citada via rodoviária. A origem dos factos está no jogo que nesse dia enfrentou o R.C. Celta com o Real Madrid e nos incidentes protagonizados na cidade por parte do que se considera o grupo mais perigoso da torcida da equipa branca. Os dous jovens, que pretendiam contestar a presença fascista na Galiza com umha acção directa, entráram nessa altura para a cadeia da Lama, cumprindo mais de um mês de prisom preventiva. Mais de dous anos depois, cele-

brou-se o julgamento na Audiência Provincial de Ponte Vedra, com um ambiente especialmente caldeado pola recente polémica social à volta da violência no futebol, por causa da morte do desportivista Manuel Rios. Apesar de se tratar de um caso abertamente político -um dos condenados, A.N.A., é membro da associação cultural nacionalista 'A Revolta' e está relacionado com o sector mais ideologizado de Balaídos, o grupo 'Celtarras'-, os meios de comunicação oficial pretendêram associá-lo a um simples caso de violência desportiva e nom analisáram em absoluto qual o papel da extrema direita nos está-

dios ou o tipo de acuações da Unidade de Intervenção da polícia espanhola contra a torcida celtica. A.N.A. e R.R.F. assumíram os cargos apresentados pola fiscalia e fórom condenados a 4 anos de prisom. Por seu turno, O.T.N. foi condenado também a dous anos 'por culpabilidade', embora nom vaia cumprir a pena por carecer de antecedentes. Especialmente significativo foi que neste caso, que se pretende ligar ao 'vandalismo' e à 'violência entre claques rivais' o fiscal apresentara como indicio o material encontrado no carro dos argüidos: umha bandeira com o escudo da Sereia e propaganda independentista.

Constituída Plataforma Cidadá pola Democracia

PP apresenta moçom de censura em Sada com tráfuga do PSOE

Redaçom

Ramón Rodríguez Ares, ex-presidente da Cámara Municipal de Sada polo PP, senador por este mesmo partido e conhecido pola sua extremada devoçom polo ditador espanhol Francisco Franco ou por ter Manuel Fraga como mentor político, encabeça a moçom de censura do PP contra o actual governo local presidido polo BNG, graças ao respaldo do tráfuga do PSOE, José Luis Santamaría.

Desde que perdeu a presidencia da cámara nas eleiçoms municipais de Maio, o PP sadense sempre estivo a tentar recuperar o poder fosse ao preço que fosse. Assim começárom os contactos com Santamaría, até há semanas membro do governo local. O tráfuga, há bem pouco, assegurou que nom ia secundar a manobra urdida por Rodríguez Ares para desbancar o governo local, mas Santamaría já tinha validado, junto com os vereadores do PP, a sua assinatura em cartório notárial no dia 27 de Novembro, com o claro propósito de apoiar a referida moçom. Finalmente, o passado dia sete de Janeiro foi a data escolhida para a apresentação do escrito no registo municipal. Mas, mal começárom a circular

pola vila das Marinhas os rumores da iminência da moçom de censura, o povo de Sada rapidamente agiu para mostrar a sua rejeiçom perante esta operaçom caciquista. Assim nasceu a Plataforma Cidadá pola Democracia em Sada, encarregada da organizaçom das duas manifestaçoms mais multitudinárias da história da localidade, celebradas nos domingos quatro e onze de Janeiro. A esta última, acudírom perto de cinco mil pessoas, número considerável, se levamos em conta que Sada tem apenas 12.000 habitantes. Entretanto, esta plataforma convocou a vizinhança a se concentrar contra o transfuguismo e a corrupçom todos os domingos e feriados.

Corrupçom como pano de fundo

Sendo vereador da Indústria, José Luis Santamaría já tinha reclamado do governo local um salário de 80.000 euros anuais. Porém, este pedido foi rejeitado pola autarquia. A partir deste momento, Santamaría começou a questionar o pacto de governo. O tráfuga sempre deu boas amostras de ser muito amigo de dinheiro. Santamaría, médico de profissom, é conhecido na vila por



RODRÍGUEZ ARES, braço em alto, saúda os seus simpatizantes acarom do tráfuga do PSOE

transferir doentes do Sergas para o seu consultório privado, por receber quantiosas comissoms dos laboratórios farmacêuticos e mesmo por aceitar remuneraçoms. Santamaría está denunciado pola Xunta por ter expedido receitas do Sergas no seu consultório particular. O tráfuga do PSOE mesmo foi suspenso de emprego e vencimento polo Serviço Galego da Saúde. Por seu turno,

Rodríguez Ares está imputado no Tribunal Supremo espanhol por prevaricaçom e malversaçom de fundos públicos. Ainda, durante os mandatos deste último, fórom continuas as construçoms ilegais no concelho. O PP local também deu mostras do seu talante totalitário ao opor-se à retirada da nomenclatura municipal dos nomes a homenagear fascistas em várias ruas da vila.

Polícia municipal de Ourense persegue independentistas

■ NGZ

NÓS-UP da comarca de Ourense denunciou o assédio policial ao qual se vê submetida a filiaçom da organizaçom. A polícia municipal perseguiu por toda a cidade a militância que estava a colar os cartazes da campanha pola autodeterminaçom. Na assembleia comarcal desta organizaçom ponhem de manifesto que se trata de um acto "vingativo" do responsável pola polícia em Ourense e do presidente da Cámara desta cidade, Manuel Cabezas, pola actividade política da organizaçom, pola adesom e solidariedade com Bemposta e pola oposiçom ao "macroprocesso especulativo do PXOUM". Em NÓS-UP de Ourense explicárom que Cabezas "nom conseguirá evitar que a organizaçom leve as suas propostas aos ourensanos e ourensanas, ou veja recortado o seu direito à liberdade de Expressom".

Um dos ultimos capitulos de esta represom foi a retençom de Manuel Gonçalves filiado a Nós Up da comarca de Ourense o passado 21 de Novembro. Quatro pessoas filiadas realizavam um mural pola Autodeterminaçom num muro abandonado, quando a policia, sem consultar se tenhem permiso, identificárom as pessoas. So Manuel é retido e conduzido à esquadra da policia municipal ourensana. É agarrado de forma violenta ao tempo que um agente diz "me cago en tu puta madre". Na esquadra os policias mundam o tono e é posto em liberdade. Com esta já é a oitava vez que em breve tempo pessoas filiadas a organizaçom independentista som ameaçadas pola policia municipal. Nós Up sinala ao concelheiro de seguridade cidadana como o responsável do "instigamento e persecuçom", dizem dende o partido politico. Por último o colectivo independentista, resenha que "nem o concelheiro, nem as ameaças, nem toda a policia municipal" foram capazes de impossibilitar que se realizaram na sua totalidade os murais que estavam previstos e que se colaram todos os cartazes da campanha pola autodeterminaçom.

CIG denuncia repressom e perseguiçom sindical em Gadis

Redaçom

A CIG denunciou públicamente as condiçoms laborais de Gadis e a perseguiçom laboral que exerce esta empresa, pertencente ao Grupo Tojeiro, sobre os seus trabalhadores e trabalhadoras. Segundo informa esta central, a empresa empredeu umha campanha represiva depois de que a

CIG apresenta-se ás eleiçoms sindicais umha candidatura. A reacçom de Gadis nom se fixo aguardar e comezou a ameaçar os trabalhadores e trabalhadoras e a chama-los aos seus domicilios particulares. Este ambiente de extorsion propiciou que seis das dezanove pessoas que compunham a candidatura da CIG abandonasen a lista eleitoral.

Por outra banda, a central nacionalista maioritária asegura que "todos os delegados e delegadas sindicais de Gadis som e foron sempre do sindicato USO" e que estes se beneficiam "de favores e prebendas a costa dos intereses dos trabalhadores e trabalhadoras de GADIS, que nom posiem nen taboleiro de anúncios sindicais, nen informaçom sobre o seu con-

venio". A CIG afirma que a suba do 2% por cento do salário consensuada pola USO e a empresa "é inferior ao incremento do IPC" e, ademais, "nemhum trabalhador e trabalhadora de GADIS sobrepasa os 600 euros de salário". Por último, a CIG estuda apresentar umha demanda contra esta empresa por perseguiçom sindical.

O sitio web de Novas da Galiza multiplica as suas visitas

■ NGZ

A nova etapa do nosso periódico tivo o seu reflexo na Internet com um substancial incremento do número de visitas ao sitio de rede oficial. Se bem em Julho eram 560 as pessoas que visitavam Novasgz.com, em Agosto a cifra ultrapassava os 2500 computadores que acederam ao sitio. No mês de setembro foram 6000 as consultas realizadas por usuários e usuárias diferentes, quantidade que ascendeu mensalmente até Dezembro, com 7418 visitantes.

Estes dados resultam significativos porquanto Novasgz.com só se actualiza cada mês com as páginas em formato pdf. No último trimestre, a quantidade de informação baixada do sitio de rede superou o 'Gigabyte'.

Agir organiza jornadas sobre língua

■ NGZ

A facultade compostelá de Filologia será a sede das jornadas 'O galego-português das origens a actualidade', a desenvolver entre os días 20 e 22 de Janeiro às 19,00 horas.

Começarán analisando a formaçom da língua e as perspectivas de recuperaçom, com a presença de Julio Diegues e Elias Torres. O día 21 centrarám-se na problemática das publicaçoms galego-portuguesas, nunha conferénzia em que participarám Carlos Quiroga, Fernanvello, Carlos M. Pereira e um membro do Consello de Redaçom do Novas da Galiza. Na última jornada, Manuel Amor, Raquel Miragaia e Jose Luis Rodriguez darán conta da situaçom do galego no ensino e no mundo. Assi mesmo, a organizaçom estudantil independentista está a desenvolver unha campaña nacional em defesa do ensino público sob a legenda 'Por um ensino público, ergue um muro contra a privatizaçom'. Dentro dos actos desenvolvidos destaca o tapiamento da entrada dumha sede do banco SCH em Compostela com um muro de tijolos, assi como a convocatória de umha concentraçom também na capital galega.

O independentismo concretiza a sua aposta pola Galiza do leste Começa a sua andaina NOS-Unidade Popular na comarca do Bérzio

Redaçom

No último trimestre do ano 2003, começou a sua actividade pública NÓS-Unidade Popular na comarca do Bérzio. A organizaçom política unitária da esquerda independentista plasmava assi nos factos a sua defesa da galeguidade das comarcas que conformam a faixa oriental da nossa naçom, também chamada históricamente a Galiza irredente. Com efeito, nos textos assembleares de NÓS-Unidade Popular aposta-se por umha Naçom galega que sobarda os estreitos limites que hoje conformam a Comunidade Autónoma Galega.

Com um comunicado de imprensa criticando a rebaixa na multa imposta ao ex-alcaide de Ponferrada, Ismael Álvares, polo delito de assédio sexual, e com diversas iniciativas políticas, actividades de agitaçom e propaganda, e pronunciamentos públicos, recolhidos em alguns casos polos meios de comunicaçom da comarca, a filiaçom desta organizaçom está a dar a conhecer ao conjunto da comarca a alternativa que NÓS-

Unidade Popular supom.

Umha iniciativa municipal que propom a criaçom dum serviço de transporte público nocturno nas fins de semana, que comunique as distintas localidades berzianas, e que foi apresentada ante os concelhos de Ponferrada, Camponaraia, Cacabelos e Vila Franca, e também ante o Consello Comarcal do Bérzio está a ser a proposta mais reconhecida. Para além desta, também se apresentaram outras moçoms municipais em defesa do direito de autodeterminaçom para Galiza, destacando a galeguidade da comarca, pola recuperaçom dum parque público no centro de Ponferrada, contra os gastos de iluminaçom da campanha natalícia por parte dos concelhos, etc... Neste primeiro trimestre do ano 2004, a assembleia comarcal pretende editar o primeiro número do seu vozeiro comarcal.

Esta é a primeira ocaçom na história do nacionalismo e independentismo galego em que umha organizaçom tem presença activa e continuada nunha das comarcas da faixa oriental.



NÓS-UP insiste em que as fronteiras da Galiza ultrapassam o quadro autonómico.

'Treme a Terra' pola liberdade de expressom

Redaçom

O colectivo 'Treme a Terra' de Ponte de Eume celebrou por noveno ano o já tradicional festival com base em reivindicaçoms sociais. Desta volta tivo como legenda 'Pola liberdade de expressom' e convocou aos grupos Pai da Cana, Non Residentz, Dandy Fever e El Señor Antipirina o passado 16 de Dezembro. No mesmo día realizárom um mural

colectivo baixo a carpa do concerto.

Alíás, o evento complementouse com conferénzas prévias à volta dos meios de comunicaçom de massas e o movimento Nunca Mais, os días 9 e 14. Nelas participárom Lino Braxe, Luis Pardo, Jesus Pinheiro, Francisco Peña e Xurxo Souto. As jornadas contárom com a colaboraçom da Fundaçom Artábria e a Câmara Municipal de Ponte de Eume.

Radio Filispim aspira a ser a rádio livre de Trasancos

Redaçom

O projecto de rádio livre e autogestionada para a comarca de Trasancos continua a desenvolver-se procurando apoios de entidades e colectivos socio-culturais, sindicatos e sectores implicados na construcçom de meios de comunicaçom alternativos.

Actualmente están a manter numerosas reunions com representantes do mundo político e social e participarám na constituçom do Foro Permanente da Cultura em Fevereiro, organismo impulsionado polo Foro Negro.

Os e as promotoras contam com experiéncia jornalística em diversos meios e aspiram a "recuperar a noçom de comunicaçom directa e horizontal com os grupos de base, a expressom livre e responsábel, sempre aberta e com direito a réplica".

Estám também a trabalhar na criaçom de umha rede cultural alternativa para Ferrol, a Rede Filispim, com o objectivo de "servir de contraponto aos 'animadores culturais' de turno". A sua principal necessidade esta em conseguir umha emisora e umha antea, para o que realizam umha campanha de captaçom de fundos e actividades diversas. Solicitam doaçoms de material técnico como leitores de cd, microfones ou auriculares, para fazer realidade um "modelo de rádio necessário e actualmente inédito no panorama radiofónico de Trasancos.

Tomam como ponto de referéncia as experiéncias desenvolvidas por Rádio Kalimero em Compostela, Rádio Piratona e Onda Nada em Vigo e Cuac FM na Corunha.



reportagem

Zona Franca, Caixanova, Adolfo Domínguez e família dos condes de Aldám, grandes beneficiárias

Via rápida do Morraço esconde grande projecto empresarial e urbanístico do Partido Popular

O aparelho de propaganda da Junta da Galiza nom poupa esforços em apregoar de lés a lés que a via de alta capacidade do Morraço vai dar cabo dos problemas estruturais de comunicação e tránsito que a comarca arrasta há já muitos

anos. Mas os factos mostram umha outra realidade bem diferente: um polígono industrial propriedade de Zona Franca, um asilo financiado por Caixanova e urbanizações luxuosas acometidas por empresas das famílias dos condes de Aldám

e de Adolfo Domínguez, parecem ser a principais beneficiárias de umha via rápida que custará mais de dez mil milhões das antigas pesetas e da qual os vizinhos e vizinhas da zona desconhecem o traçado definitivo.

Xan de Camorga

A história da via rápida da Península do Morraço remonta a umha década atrás e responde a umha estratégia perfeitamente desenhada pola Junta da Galiza a fim de obter da sua construção a máxima rentabilidade possível, levando em conta as possibilidades de negócio que oferece a comarca, ao constituir um destino turístico de primeira ordem. No ano 1994, com Xosé Cuiña Crespo como máximo responsável da Conselharia da Ordenação do Território e Obras Públicas, redige-se um primeiro projecto para a construção de umha via de alta capacidade para o Morraço, comarca que até entom parecia nom existir para a Administração, nomeadamente quanto a infra-estruturas e comunicações.

Curiosamente neste mesmo ano, coincidindo com o primeiro projecto da via, começou a ouvir-se falar pola zona da possibilidade de comprar, no futuro, moradias luxuosas com piscina em lotes de 2.000 metros quadrados "a dez minutos de Vigo", cousa impensável com as estradas existentes até ao momento. Na altura, tinham interesses na zona a família dos condes de Aldám e o desenhador Adolfo Domínguez, que tinha comprado vários lotes na zona de Mendoiña, em Aldám, através da sociedade Ayala SA, com domicílio social em Pereiro de Aguiar (Ourense), chegando a conseguir 17 hectares. Estas terras pertencem actualmente à irmã, Xoséfina Domínguez Fernández, dado que o empresário tivo que lidar com a própria família por causa do aparecimento em bolsa da firma Adolfo Domínguez. Nesse momento decidiu nom participar no negócio.

No primeiro projecto recolhia-se, como o próprio Cuiña afirmou publicamente, que a via terminaria em Bueu, longe portanto dos terrenos de Domínguez. Posteriormente, o projecto defi-



A "Via Rápida" esconde negócios que lucraram empresas vinculadas ao PP



A oposição vizinhal ao projecto é evidente. Está acompanhada de umha forte intimidación policial.

nitivo estabeleceu que a estrada acabaria em Aldám, curiosamente ao pé dos terrenos de Domínguez e dos condes. De qualquer maneira, a execução da obra ficou em suspenso porque os governos de coligaçom em Moanha, Cangas e Bueu pretendiam modificar a infra-estrutura, visto que nom articulava verdadeiramente a comarca.

Chega o Partido Popular

Com a chegada do Partido Popular ao poder municipal em Cangas, Moanha e Bueu no ano 1999 o projecto agiliza de maneira notó-

O projecto definitivo estabeleceu que a estrada acabaria em Aldám, curiosamente ao pé dos terrenos de Domínguez e dos condes

ria. Neste ano começa também a elaboração do Plano Geral de Ordenação Municipal (PXOM) de Cangas, documento que vai regular o desenvolvimento urbanístico do município nos vindouros anos. Também, pouco tempo depois da chegada dos "populares" à Câmara municipal de Cangas, aparece em cena Xan Lago Pérez em representação das imobiliárias Promoçoms e Madeiras Lago Rey SL e Tempo Livre e Ócio 2000 SL, para solicitar a inclusom no PXOM da qualificação como urbanizáveis de mais de dous milhões de metros quadrados de terreno que ambas as

sociedades possuem na zona de Aldám. Outras empresas utilizadas pola família dos condes para os seus projectos urbanísticos no Morraço som Residencial Cabo Home SL, Souto da Rúa SL, Aluguer Borrallido SL e Aires do Morraço SL.

Xan Lago Pérez pertence à família que detém o título do condado de Aldám e que no ano 1968 aproveitou umha sentença judicial ambígua para registar dúzias de hectares da comunidade de montes desta localidade a nome da sociedade Industrias Rurais Urbanas e Marítimas (Inrumar), propriedade do conde de Aldám. Também tentárom apropriar-se de monte comunitário de Bueu, ainda que finalmente nom o conseguissem. Na actualidade, devido à inibiçom da Câmara municipal e à cooperaçom da Junta, estão prestes a lográ-lo.

Anteriormente, nos anos de governo do BNG na Câmara municipal de Cangas já começaram os contactos entre a empresa imobiliária Promoçoms e Madeiras Lago Rey SL e o Executivo municipal para tornar a qualificar os terrenos. No ano 1998, um representante desta sociedade imobiliária apresentou nos paços do concelho de Cangas e ofereceu ao presidente da câmara umha grande parte dos terrenos que os condes possuem no centro de Aldám para serem explorados polo organismo municipal em troca da requalificaçom dos terrenos da costa. A proposta ficou no ar até que, um ano depois, o Bloco abandonou a presidência da Câmara municipal, sendo substituído polo Partido Popular.

Curiosamente, o actual presidente da Câmara de Cangas, o "popular" José Enrique Sotelo, manifestou em várias ocasiões que ele vai conseguir para a Câmara municipal a mencionada quinta do conde. Isto significa que os terrenos da zona do litoral serão requalificados e a cedência da propriedade dos condes de Aldám vai ser apresentada à vizinhança de Cangas

como mais um êxito da gestão do regedor do PP. Por seu turno, a oposição de Cangas pujo em causa que estes terrenos pertençam legalmente aos condes. Em resposta, a Câmara municipal solicitou um relatório jurídico a pedido do BNG que conclui que os montes som privados e que nom existe recurso possível. No entanto, advogados consultados pola Plataforma Anti-Via Rápida determináram que a titularidade dos montes hoje em dia é reversível e portanto estes poderiam ser devoltos aos vizinhos e vizinhas se assim o solicitassem, algo que ainda nom foi conseguido porque é preciso criar umha gerência de montes comunitários que reclame os terrenos de Aldám.

Está a se estudar a construção de um cemitério privado, e também a cessão de umhas terras ao Clube de Ténis de Cangas

advogado da companhia é o ex-vereador do PP Antonio Acuña, que se tornáram evidentes quando a empresa vendeu à Câmara municipal de Cangas, para que os cedesse à Mancomunidade do Morraço -na altura controlada polo PP-, uns terrenos por quatro cêntimos o metro em que seria construída umha central

empacotadora de lixo. A zona onde se situam os referidos terrenos foi reivindicada como própria pola comunidade de montes de Bueu.

Outro dos organismos chamado para investir no entorno da via rápida -e que sem dúvida será também um dos beneficiados da construção- é Zona Franca de Vigo, cujo delegado é o presidente local do PP em Vigo, Pablo Egerique. O que

fizeram foi vender a baixo preço às câmaras municipais de Cangas e Bueu 1.400.000 metros quadrados nuns montes que reclama a Mancomunidade do Morraço, nos quais será situado um polígono industrial deste consórcio empresarial. O resultado foi o polígono da Portela, que apresentáram à opinião pública como o remédio para



A Guardia Civil está a defender a rápida execução das obras

o desemprego da comarca e a alternativa ao desmantelamento do banco canário-saariano. Evidentemente, o objectivo de Zona Franca nom é gerar emprego, mas comprar lotes, urbanizá-los e vendê-los a mais de 50 euros por metro quadrado às empresas que se quizerem instalar nele.

Também contactáram Caixanova,

provocando que a entidade creditícia se interessasse pola zona e decidiu estudar a possibilidade de situar nela umha residência geriátrica. Outro dos projectos que se está a estudar é a construção de um cemitério privado, como também a cessão de umhas terras ao Clube de Ténis de Cangas para edificar um complexo desportivo. Deste

modo, estão a conseguir que a via rápida se considere como umha obra necessária para articular comunicativamente a comarca, quando apenas é umha estrada para dar serviço a este grande complexo empresarial, urbanístico e desportivo que dará grandes benefícios a empresas privadas da órbita do Partido Popular.

Madeiras Lago Rey e o PP

A partir daqui as empresas da família dos condes de Aldám dedicáram-se a preparar o terreno para fazer viável um complexo urbanístico de primeira ordem. Para isso aproveitáram-se das excelentes relações existentes entre Madeiras Lago Rey e o Partido Popular (o

Vias rápidas: estradas muito perigosas que estimulam velocidade

A entrada em vigor do novo Regulamento Geral de Circulaçom dá por finda a denominaçom de vias rápidas ou corredores rápidos, porque há quem a considere como umha maneira de incitar a velocidade. A Junta da Galiza é agora a encarregada de aplicar esta nova normativa, já que a Conselharia da Política Territorial é a proprietária destas estradas existentes só no nosso país, algunhas das quais destacam pola elevada sinistralidade. Som de titularidade galega as estradas que recebem a denominaçom oficial de Via Rápida da Galiza (VRG), que se encontram nas províncias oficiais da Corunha, Lugo e Ponte Vedra. Na província da Corunha temos a VRG do Barbança, que discorre entre Padrom e Ribeira e conta com um elevado número de mortes no seu historial. Esta estrada que comunica Padrom e Ribeira, passando pola Póvoa do Caraminhal, Boiro e Rianxo é umha das mais perigosas da

Galiza. Assim o verificam as estatísticas de acidentes ocorridos nesta via, em que muitos e muitas condutoras alcançam velocidades excessivas. Também recebe este nome um trecho da AP-9 em Vilar do Colo, em Mugardos. Por sua vez, o antigo corredor rápido entre Ferrol e as Pontes já mudou a denominaçom oficial, passando a ser Autovia da Galiza (AG-64) Ferrol-Vilalba e passará a contar com duas faixas em cada sentido separadas por um canteiro central. Mas ainda restam vários troços com o sinal de corredor rápido, que continuam a ser de umha só faixa de circulaçom em cada sentido e com limitaçom total de acessos às propriedades lindeiras. O corredor rápido Ferrol-Pontes também foi cenário de numerosos acidentes mortais. Actualmente, este trecho forma parte da autovia AG-64 Ferrol-Vilalba, embora fiquem troços com a sinalizaçom de corredor



rápido que só tem umha faixa, sem separaçom central, para cada sentido da circulaçom. A Junta é titular de um corredor rápido e umha via rápida na província de Lugo. O primeiro comunica Monforte com Lalim e a segunda é um tramo de circunvalaçom em Monforte. Também pertence ao Executivo galego a via rápida do Salnés, em Ponte Vedra, cenário também de graves acidentes. As estatísticas do 2002 reflectem 29 acidentes, com cinco mortos, sete feridos graves e três leves para um trajecto de 24 quilómetros que cada dia percorrem mais de dez mil veículos. Todos esses nomes que incitam a velocidade deverám desaparecer das estradas, como também a sua indicaçom, com a entrada em vigor deste novo Regulamento de Circulaçom, de âmbito estatal. As antigas vias rápidas receberám a denominaçom oficial de Via para Automóveis.

Impacto da via rápida no Morraço

Segundo a Plataforma Anti-Via Rápida, constituída em Cangas, em Abril de 1994, por grupos ambientalistas e naturalistas, formações políticas, asso-

ciações vicinais e culturais, a construçom desta via no Morraço está a constituir o principal atentado ambiental dos últimos anos na comarca, tanto polos

prejuízos directos que a via provocará como polos indirectos que acarreja, e talvez seja irreversível para vários espaços naturais já muito degradados.

Degradaçom de toda a faixa litoral

Esta via rápida propiciará a degradaçom de toda a faixa costeira, nomeadamente das zonas de praia, que som o principal atractivo turístico do Morraço. A zona de praias é limitada e a capacidade de acolhimento para pessoas e veículos também. Por isso, carece de sentido realizar um projecto que presumivelmente atrairá milhares de visitantes, sem antes se ter estudado essa capacidade, ordenando os recursos e os acessos à zona pensando na sua conservaçom. Por exemplo, em zonas como a da Barra (Cangas) já se estão a produzir grandes aglomeraçoms de automóveis durante o Verao. A construçom da via do Morraço pode provocar que em poucos anos um dos mais importantes ecossistemas dúnicos das Rias Baixas se converta num parque de estacionamento.

Dúzias de caminhos ficarám cortados

A via rápida está a atravessar dúzias de caminhos, inclusive a Eco-rota do Morraço, roteiro de longo percurso homologado (G.R. 59). Para além de produzir importantes danos ecológicos, que impedirám o desenvolvimento de um plano turístico para o futuro assente na promoçom dos recursos naturais do Morraço e nas caminhadas. A via limitará também o uso social do monte e os seus trabalhos tradicionais, acentuando o afastamento entre natureza e sociedade.

Excessiva ocupaçom de terreno florestal e agrícola

A construçom está a provocar umha excessiva ocupaçom de

terreno florestal e agrícola, aterrando vales como o de Angueiro em Coiro (Cangas). Estas zonas som ecossistemas antrópicos tradicionais do Morraço fundamentais para sustentar as economias familiares, para além de numerosas formas de vida de espécies vegetais e animais. A floresta afectada é já enorme, ficando destruídas grandes extensoms de mato repovoado com espécies autóctones, como também áreas de lazer de uso público.

Alteraçom do regime de águas

Com as obras está-se a ver afectado o regime hídrico, tanto das águas superficiais como das freáticas, ao cortar-se o fluxo natural. Isto, por um lado, fará descer o nível dos poços, fontes e mananciais, podendo chegar a secá-los no Verao. E por outro, ao se canalizarem todas as águas que corta, e ainda as que recolhe a própria via, e se conduzirem aos pequenos ribeiros existentes, aumentará a possibilidade de provocar cheias e alagamentos nas zonas baixas.

Alteraçoms gravíssimas e irreversíveis na paisagem

Tal como se reconhece no próprio projecto, as alteraçoms na paisagem som gravíssimas e irreversíveis, ainda que os autores do estudo tentem tirar importância ao impacto, menosprezando reiteradamente os valores estéticos e paisagísticos do Morraço. A obra removerá aproximadamente uns 270 metros cúbicos de terra por cada metro lineal, o qual, na prática, traduz-se em fortes desmontes e terraplenos que provocam umha longa fenda a meio das ladeiras dos montes.



Lugar afectado polas obras que están en andamento



Mobilizaçom popular de vizinhos e vizinhas contra a desfeita



Espaço natural que receberá o impacto da 'Via Rápida'

Espaços naturais do Morraço danificados

Três espaços naturais do Morraço que a Junta registou outrora como espaços passíveis de serem protegidos junto com outros sessenta e um do resto da Galiza (Courel, Ancares, Caaveiro...), que na teoria já estão protegidos, verám-se fortemente alterados pola via rápida. Estes lugares som as dunas "Nerga-Barra", os "Montes do Morraço" e o "Carvalhal de Coiro", a maior carvalheira litoral das Rias Baixas. Também arrasa zonas como o rio da Fraga ou a Poça da Moura, alguns dos principais referentes paisagístico-culturais do Morraço.

Impacto sobre o Património Histórico

Afecta vinte jazidas arqueológicas, entre as quais se incluem castros (Monte Alegre, Cidades...), petróglifos (Devesa de Baixo, Avlaireis...), moinhos, etc.

Impacto sobre a populaçom da área

Destruaçom de casas de habitaçom e anexos, ocupaçom de solo agrícola, desvalorizaçom de terrenos, dificuldades de comunicaçom...

Custo económico

O factio de esta obra custar mais de 10.000 milhons de pesetas devia ser argumento suficiente para procurar outras soluçoms. Outras estimativas demonstram que afinal a quantia pode duplicar-se e aproximar-se dos 20.000 milhons das antigas pesetas.

FONTE:

Plataforma Anti-Via Rápida do Morraço.



www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a
NOVAS DA GALIZA, Caixa dos Correios 1069 (C.P. 27080) de Lugo

1 Ano = 12 números = 20 euros
 Assinante Colaborador = 30 euros

Nome e Apelidos

Telefone

Endereço

C.P.

Localidade

E-mail

N° Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

reportagem

A Prisom da Lama... Macrocadeia, Microconsciência

Esta cadeia inaugurada ainda nom há cinco anos, supom o melhor exemplo do modelo da actual política penitenciária do governo. Baseia-se na implantaçom de macrocadeias, construídas em zonas despovoadas, longe do calor da sociedade, vigiadas de costas às garantias legais, sob o atento olhar de um exército de sentinelas, com

milhares de almas em grandes espaços. Potencializa a microconsciência do problema. Este epicentro de marginalizaçom e desgraça, lateja como umha ameaça para as liberdades e para a dignidade da pessoa. Por isso, recolhemos de forma sucinta diversas informaçoms sobre as condiçoms de infra-estrutura e tratamento desta cadeia no intuito

de chegar-nos às portas deste inferno. As informaçoms abaixo fõrom recolhidas ao vivo polos e polas verdadeiras protagonistas deste fracasso social, os presos e as presas, fõrom trazidas a este contexto por PreSOS com o objectivo de activar a resposta social que acabe com esta continua aberraçom.

Fran del Buey

Sistema Sanitário

Segundo as informaçoms que temos em nosso poder, o médico adscrito ao serviço sanitario do Centro Penitenciário da Lama atende só durante duas horas semanais, obrigando os e as usuárias a fazer com 10 dias de antecedência a marcaçom. Assim, quando se produz umha urgência médica, o primeiro auxilio é feito por um funcionário ou funcionária que deve discernir a gravidade da doença do preso ou presa, ficando em maos de

um profano a "decisom" de se o paciente deverá ser atendido polos serviços de urgência ou nom. Esta temerária maneira de actuar tem provocado situaçoms como a de J.M.P., no pasado dia 17 de Novembro, quando, sentindo-se doente de noite, e após ter avisado o funcionário de turno, este fõjo caso omissio, ficando J.M.P. sem atendimento até às 10h00 da manhã do dia seguinte.

A falta de coordenaçom, visualiza-se perfeitamente no seguinte caso: "Um preso doente de epilepsia, ao qual se tinha prescrito a 'dieta branda', recebeu o almoço com os ossos do frango e as conchas trituradas, tornando-se o 'guisado' numha perigosa massa com lasquinhas que provocaria a fractura de alguns dentes do coitado doente, que sabe que o odontologista demorou quase um ano a aparecer". Também o preso D.R.F. nos fala da demora no tratamento: "eu tenho hepatite C e

atrofia cerebral, além de estar classificado como maniaco depressivo, e há mais de um mês que marquei umha cita para o psiquiatra e ainda estou à espera".

Surpreendentes som as respostas negativas dadas por alguns membros da equipa técnica. Deste modo, o preso D.R.F. fala-nos da atitude dos médicos do centro perante a administraçom de medicaçom: "há membros da equipa sanitaria que se negam a dar vitaminas ou leite a pessoas que o precisam. Três pessoas pediram vitaminas e leite, mas, segundo o

"Há um campo de futebol que está apenas para uso de alguns privilegiados, 25 aproveitam-no e 1375 fodem-se..."

médico, só se administra a pessoas magras, e umha destas três pessoas era eu, e pesava naqueles momentos 44 quilos, e mesmo assim ele nom me dava nada por estar gordo". Amplia esta explicaçom o preso C.B.F. manifestando: "se tiveres umha doença pontual, dam-te um anti-inflamatório 'milagroso'".

Os presos, aliás, vem como os próprios companheiros morrem perante os seus olhos, assim de arrepiante. O preso D.R.F. denuncia que A.A., apesar de "ter umha paralisia de meio corpo, umha mao morta, a coxear, e necessitando ajuda para vestir-se e lavar-se... e apesar disso continua aqui...".

Actividades

O que sobra a um preso ou presa é o tempo, e apesar de que a legislaçom penitenciária estabelece um regime de actividades, a verdade é que a cadeia da Lama congela o tempo e potencializa a



Esta cadeia amplia a sua capacidade a um ritmo frenético, polo sistema de dividir o espaço e multiplicar os 'clientes'



Saíd Hacene apareceu com a cabeça metida no retrete e com umha corda ao pescoço

apatia. D.R.F., preso na prisom da Lama, referindo-se aos cursos manifesta: "nom existe nenhum curso, só fam dous em todo o ano, e sendo 2000 pessoas, só 50 ou 60 estám a realizar cursos". Também nos conta o preso C.B.F., a respeito das actividades desportivas que "há um campo de futebol que está apenas para uso exclusivo de alguns privilegiados, 25 aproveitam-no e 1375 fodem-se...", quando nos levam ao polidesportivo (3 horas por semana) só nos deixam utilizar o campo de futebol de salom... (as outras instalaçoms permanecem fechadas e sem material...) Para todo o mês dam-nos só umha bola para jogar no módulo, mas costuma dar para um só jogo, já que atrás das balizas estám os arames". Toda esta situaçom é provocada por umha decisom política da Junta de Tratamento, que decide no mês de Março, sem motivo aparente, fechar a já precária escola de basquetebol e musculaçom.

Tratamento

Diferentes presos e presas têm tentado, porque é seu direito, a aplicação do tratamento individualizado, mas segundo nos conta o preso C.B.F., "aqui só conhecemos o psicólogo ou psicóloga, educador ou educadora quando nos vão classificar cada seis meses... e isso de apoiar-nos, instruir-nos e orientar-nos, aqui não existe...".

Metadona

Aceder ao tratamento agonista converte-se numa questão de 'ouvido'. O preso D.R.F. relata como ficou sem tomar a metadona em duas ocasiões: "Os alto-falantes trabalham mal e quando vêm repartir a metadona e não avisam, podes ficar sem tomá-la. Eu solicitei que me levassem à enfermaria, falámos também com a doutora Sara e a sua resposta foi que ela nada podia fazer".

Comunicações

A cadeia não pode ser um entorno impermeável e devia facilitar totalmente o contacto do preso ou presa com o exterior, para não se provocarem assim os graves efeitos da prisão e do desenraizamento. Ora bem, a Junta de Tratamento deste 'Alcatraz Galego', numa recente reunião (27 de Dezembro) decidiu, segundo nos conta o preso C.B.F., que a partir do dia 4 de Janeiro os 'bis a bis' se realizarão somente às terças e às sextas, trocando o anterior horário que permitia realizá-los durante toda a semana. Limita-se também a comunicação telefónica com uma drástica redução de todos os turnos de chamadas. "Dantes, as chamadas eram cinco por semana, e há dois meses (Agosto) foram reduzidas a duas por semana (...). Durante três dias estivemos sem telefone no módulo N°1".

Alimentação

Esta necessidade primária, neste primeiro mundo onde já aparentemente ninguém tem fome, nas cadeias galegas a sombra da desnutrição aparece três vezes por dia. "A comida deixa muito que desejar e isso que eu (o preso) estou habituado a comer de tudo, mesmo comida caducada, mas aquela comida era um manjar comparada com esta que é vomitiva". Existem também outras queixas que nos relata o preso C.B.R., que afirma que a meio do mês de Agosto se servem comidas de inverno, como feijoadas quentes... quase todos os dias... Nesta mesma linha, os presos já expuseram por meio de uma queixa, as carências do serviço de "demandaria" (o recadeiro). A administração ampara a proibição de entrada de determinados produtos, supostamente por causa da natureza perecedeira da encomenda, recusando-se à entrada de frutas e verduras.



A cadeia não pode ser um entorno impermeável. Devia facilitar totalmente o contacto do preso ou presa com o exterior.



A falta de higiene provocada por um recorte económico que afectou os produtos mais necessários para a vida

Higiene

Ao círculo de misérias e carências temos de acrescentar a sujidade, ou melhor dito, a falta de higiene provocada por um recorte económico que afectou os produtos mais necessários para a vida. O preso D.R.F. denuncia: "nom nos dam kits de limpeza e higiene para limpar a cela como esfregom, lixívia, saco do lixo, champô, etc. porque o responsável pola limpeza, como não recebe pecúlio, em compensação, vende 'no mercado negro' o material". Mas, ironicamente, ainda que se distribuíssem equitativamente os aparelhos de limpeza, estes teriam pouco uso, já que o centro carece de água quente discricional. Este serviço irrenunciável funciona só de 9h00 a 9h30, e isto motiva que muitos internos careçam de tempo suficiente para se assearem e fazerem as necessidades básicas. Sem ir mais além, há alguns dias não havia água para desentupir os canos do quarto de banho, e houve que empregar água da chuva que durante esses dias foi tam abundante, provocando-se

um forte problema ambiental e um perigoso foco de infecção.

Amontoamento

Apesar de ser uma macrocadeia criada para suprimir os problemas de amontoamento das cadeias provinciais, na verdade, este armazém de corpos humanos amplia a sua capacidade a um ritmo frenético, pelo sistema de dividir o espaço e multiplicar os 'clientes', sem modificar, é claro, os recursos e os orçamentos. Assim, este efeito de passar de 800 a 1400 presos num período curto de tempo, ocasiona efeitos no racionamento alimentar, tempo de duche e higiene, assistência sanitária assim como os consabidos efeitos perigosos de apinhar pessoas com doenças transmissíveis sem nenhum tipo de controlo. (C.D.F. informa-nos que para um módulo de 100 pessoas existe um só quarto de banho).

Torturas e maus tratos

Said Hacene, de nacionalidade argeliana, encontra-se no módulo de isolamento. Apareceu com a cabeça metida no retrete, com uma corda ao pescoço. Segundo

testemunhas, cinco dias antes da morte de Said, entravam funcionários que lhe batiam impunemente. Os meios de comunicação justificam o assassinato como vingança entre internos. Para cúmulo, a família do senhor Hacene não pôde trasladar o féretro ao seu lugar de origem, Argélia, devido aos impedimentos burocráticos. Igual sorte correu um preso do módulo 1 que acabou recentemente na unidade de queimados, após ter escapado milagrosamente de uma morte horrível no incêndio da sua cela. O incêndio produziu-se após a direcção do centro se ter recusado por várias vezes a permitir as visitas da mulher do queimado.

- Todas estas afirmações e outras foram postas de manifesto por meio de uma queixa assinada por mais de 450 presos e presas (de um total de 1400) perante o julgamento de vigilância penitenciária de Ponte Vedra que ainda permanece em silêncio. Até quando teremos que esperar?

Fran del Buoy é membro da Assoc. PreSOS

Capitán Eloy, 17 • Tel.: 23 93 60 • OURENSE

Bar de Copas
Salvaterra do Minho

Salvaterra

el matadero
Prós do Bricolaxe • CAMPUS VILA

Rua Nórreas, 5
Lugo

C&D
CAMPO CASTELO 38
LUGO

galizalivre.org
O portal da galiza em Internet

informática

QWERTY: Identidades na Sociedade da Informação (2)

Dario Janeiro

lufada@hotmail.com

Para reparar o "erro", Roger104 poderia escrever: "Nina5 e eu excitamo-nos tanto que caímos ao chão. Quando Nina5 se separa de mim ao cair, a sempre disposta BethR, que nom perde umha oportunidade, pom-se em cima de mim".

Como lhe dijo umha utilizadora ao autor numha ocasiom, "no compu-sexo escrever bem e rápido é equivalente a ter umhas bonitas pernas e um cu firme". No momento de ter umha aventura amorosa ou, simplesmente, sexo através do computador, a soma de seguranças ajuda a aquelas se desenvolverem com rapidez. Há tempo para pensar, nom existe presença física directa e, sobretudo, a informação parcial repercute na idealizaçom das lacunas. Tal e como afirma Julian Stallabrass,

professor do Courtauld Institute of Arts de Londres, na comunicação por computador "o poder e a capacidade de controlo que supom a descorporeizaçom - as vantagens que implica interpretar um papel, o facto de aqueles ou aquelas com que se fala nom poderem ver as deficiências, desvantagens e quaisquer

outras peculiaridades nossas susceptíveis de inspirarem preconceitos- adquirem-se só ao preço de cada interlocutor ou interlocutora perder um pouco de humanidade". A personalidade levantada polos internautas nom é necessariamente unívoca. Polo contrário, cada eu pode multiplicar-se numha quantidade indeterminada de eus com base nas próprias necessidades dos usuários ou usuárias. Umha grande maioria de pessoas com que tratamos dia-a-dia na internet (eu próprio) dispõem de dife-



O IRC foi criado na Escandinávia no ano 1998

rentes nomes de utilizador ou utilizadora tanto para os programas de relaçom directa como para as contas de correio electrónico. E a ninguém lhe parece estranho ou fora de lugar. Turkle cita umha professora de trinta anos na sua

vida no IRC:

É um bom escape...

No IRC som muito popular. Tenho três nomes que emprego continuamente, de maneira que um deles está muito preocupado com a guerra na Jugoslávia, outro é um pouco maluco por Melrose Place e um terceiro tem muita actividade nos canais sexuais, sempre à

procura de um bom momento... Talvez só poda relaxar-me se vir a vida como mais um canal IRC.

A multiplicidade das identidades implica também um desenvolvimento paralelo nas vidas virtuais. As pessoas tímidas som extrovertidas, as heterossexuais som homossexuais, as violentas som tranquilas. O IRC, criado na Escandinávia no ano 1998, tem a sua versom estatal no Hispano, que consegue ter mais de meio milhom de conexons diárias.

Finaliza no próximo número

história

O ensaio afirma que Das Casas se entrevistou com Mussolini

Um estudo biográfico vincula Álvaro das Casas com o fascismo

Uxio-Breogám Diéguez

Álvaro Maria Casas Branco nasce em Ourense no dia 2 de Julho de 1901 no seio de umha familia abastada. Aluno de Antom Lousada Diegues e Marcelo Macias e conhecido de membros do Grupo Nós como Vicente Risco ou Ramom Outeiro Pedraio. Acaba o antigo bacharel no ano 1917 e vai para Valhadolid estudar na Universidade. Ali inicia a sua actividade política, afastado do galeguismo. Terá Álvaro das Casas umha forte actividade ligada ao catolicismo espanholista que o levará à directiva da Associação Espanhola de Estudantes Católicos... A par disto destaca como um bom estudante, licenciando-se no ano 1920 com prémio extraordinário. Num ano e na linha da sua actividade política, pronuncia umha conferencia em Vigo em que sustém: "Aqui somos todos católicos (...) Se... considerais o actual estado do mundo, se vos parais um momento a contemplar o avanço apocalíptico da onda vermelha, que traz consigo a bárbara civilizaçom de um mundo sem Deus... ah! entom nom haverá um espírito nobre que nos aplauda nem sequer pola valentia da nossa sinceridade. Cumpre empapar tudo de catolicismo..." (traduzido do espanhol)

A finais de 1922 Álvaro das Casas vai para Madrid, acomodando-se no bairro de Salamanca. Na villa y corte será professor na Escola de Policía, professor na Casa Real, secretário e 'guarda sellos' da ordem de cavaleiros dos Infanzones de Illescas, "Gentilhombre de Casa y Boca", etc. Mas a mudançã radical estava perto. A partir de 1930 Álvaro das Casas abandona a sua estreita vinculaçom com a Casa Real e envereda no galeguismo político que nasce em Dezembro de 1931 com o PG. Das Casas será mem-



Álvaro das Casas com alunas e alumnos

bro fundador do Partido e emboira mal permaneça meio ano na recém nascida formaçom política, passará à história política do

Portugal num 'comício anti-comunista' nesta altura: "...chegou o grande dia da Europa. (...) Espanha é outra vez trincheira y clarim de europeísmo. A guerra já começou e nom podemos descansar até esmagar para sempre o adversário (...). De nós depende que Portugal e Espanha voltem a ser, como outrora, categorias de primeira ordem no concerto

dos grandes povos, ou pobres colónias russas ao ditado de qualquer assassino soviético..." (traduzido do espanhol)

Daqui em diante é, pode-se dizer, de filme -realmente coma toda a sua vida- a actividade que o impulsor de Ultraia desenvolve pola América do Sul. Umha actividade de propaganda netamente pró-franquista e da qual temos seguido o rastro.

Assim, no Outono de 1936, após o

Golpe de Estado, a viragem é definitiva.

Nom surpreende portanto o

que dizia Álvaro das Casas em

Portugal num 'comício anti-comunista' nesta altura:

"...chegou o grande dia da Europa. (...) Espanha é outra vez trincheira y clarim de europeísmo. A guerra já começou e nom podemos descansar até esmagar para sempre o adversário (...). De nós depende que Portugal e Espanha voltem a ser, como outrora, categorias de primeira ordem no concerto

dos grandes povos, ou pobres colónias russas ao ditado de qualquer assassino soviético..." (traduzido do espanhol)

Daqui em diante é, pode-se dizer, de filme -realmente coma toda a sua vida- a actividade que o impulsor de Ultraia desenvolve pola América do Sul. Umha actividade de propaganda netamente pró-franquista e da qual temos seguido o rastro.

Assim, no Outono de 1936, após o

Golpe de Estado, a viragem é definitiva.

Nom surpreende portanto o

que dizia Álvaro das Casas em

Portugal num 'comício anti-comunista' nesta altura:

"...chegou o grande dia da Europa. (...) Espanha é outra vez trincheira y clarim de europeísmo. A guerra já começou e nom podemos descansar até esmagar para sempre o adversário (...). De nós depende que Portugal e Espanha voltem a ser, como outrora, categorias de primeira ordem no concerto

dos grandes povos, ou pobres colónias russas ao ditado de qualquer assassino soviético..." (traduzido do espanhol)

Daqui em diante é, pode-se dizer, de filme -realmente coma toda a sua vida- a actividade que o impulsor de Ultraia desenvolve pola América do Sul. Umha actividade de propaganda netamente pró-franquista e da qual temos seguido o rastro.

Assim, no Outono de 1936, após o

Golpe de Estado, a viragem é definitiva.

Nom surpreende portanto o

que dizia Álvaro das Casas em

Portugal num 'comício anti-comunista' nesta altura:

"...chegou o grande dia da Europa. (...) Espanha é outra vez trincheira y clarim de europeísmo. A guerra já começou e nom podemos descansar até esmagar para sempre o adversário (...). De nós depende que Portugal e Espanha voltem a ser, como outrora, categorias de primeira ordem no concerto

dos grandes povos, ou pobres colónias russas ao ditado de qualquer assassino soviético..." (traduzido do espanhol)

Daqui em diante é, pode-se dizer, de filme -realmente coma toda a sua vida- a actividade que o impulsor de Ultraia desenvolve pola América do Sul. Umha actividade de propaganda netamente pró-franquista e da qual temos seguido o rastro.

Assim, no Outono de 1936, após o

Golpe de Estado, a viragem é definitiva.

Nom surpreende portanto o

que dizia Álvaro das Casas em

Portugal num 'comício anti-comunista' nesta altura:

"...chegou o grande dia da Europa. (...) Espanha é outra vez trincheira y clarim de europeísmo. A guerra já começou e nom podemos descansar até esmagar para sempre o adversário (...). De nós depende que Portugal e Espanha voltem a ser, como outrora, categorias de primeira ordem no concerto

dos grandes povos, ou pobres colónias russas ao ditado de qualquer assassino soviético..." (traduzido do espanhol)

Daqui em diante é, pode-se dizer, de filme -realmente coma toda a sua vida- a actividade que o impulsor de Ultraia desenvolve pola América do Sul. Umha actividade de propaganda netamente pró-franquista e da qual temos seguido o rastro.

Assim, no Outono de 1936, após o

Golpe de Estado, a viragem é definitiva.

Nom surpreende portanto o

que dizia Álvaro das Casas em

Portugal num 'comício anti-comunista' nesta altura:

"...chegou o grande dia da Europa. (...) Espanha é outra vez trincheira y clarim de europeísmo. A guerra já começou e nom podemos descansar até esmagar para sempre o adversário (...). De nós depende que Portugal e Espanha voltem a ser, como outrora, categorias de primeira ordem no concerto

dos grandes povos, ou pobres colónias russas ao ditado de qualquer assassino soviético..." (traduzido do espanhol)

Daqui em diante é, pode-se dizer, de filme -realmente coma toda a sua vida- a actividade que o impulsor de Ultraia desenvolve pola América do Sul. Umha actividade de propaganda netamente pró-franquista e da qual temos seguido o rastro.

Assim, no Outono de 1936, após o

Golpe de Estado, a viragem é definitiva.

Nom surpreende portanto o

que dizia Álvaro das Casas em

Portugal num 'comício anti-comunista' nesta altura:

"...chegou o grande dia da Europa. (...) Espanha é outra vez trincheira y clarim de europeísmo. A guerra já começou e nom podemos descansar até esmagar para sempre o adversário (...). De nós depende que Portugal e Espanha voltem a ser, como outrora, categorias de primeira ordem no concerto

dos grandes povos, ou pobres colónias russas ao ditado de qualquer assassino soviético..." (traduzido do espanhol)

A ESMORGA
REVISTA MENSAL DA MOVIDA GALEGA

RENOVAÇÃO
EMBALEGA DA CULTURA
embgalega@hotmail.com
monchodefidalgo@terra.es

LOCAL SOCIAL REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

CASA DAS CRECHAS
Via Saera, 3 - 15704 Compostela
info@casadascrechas.com

ARTABRIA
Rua Madalena, 31
C.P. 15402 Ferrol
GALIZA

Vale mais fazê-lo que mandá-lo

Maurício Castro

Existem determinados factos, históricos e constatáveis, que contradizem o tópic da docilidade galega. Nom vamos dizer que esta pequena nação esteja na vanguarda da resistência internacional contra a uniformização imperialista, até por nom se corresponderem as condições do esmorecimento nacional que padece a Galiza com o agudo genocídio imposto a outros povos em diversos cantos do planeta, como demonstra na actualidade o martirizado Oriente Médio. A nossa pátria nom deixa de fazer parte dessa periferia privilegiada do centro capitalista mundial, que nos impom a condição definida polo nosso nacionalismo como "colonialismo interior", um espaço em que as contradicções se apagam numha paz macia que só periodicamente rebenta em surtos de rebeliom colectiva como a recentemente nucleada no movimento "Nunca Mais".

Dentro deste contexto que vivemos, o certo é que outras iniciativas sociais indicam a persistência da Galiza rebelde que nom se resigna a perecer sob a imposição do actual modelo institucional e económico. Recentemente, Ignacio Ramonet lembrava nas páginas de um jornal publicado no nosso país o papel activo do nosso povo na invenção do conceito de guerrilha moderna, aquando da invasora francesa no século XIX. Aquela heróica insurgência que acabou por obrigar as tropas invasoras francesas a abandonar o país face a impotência do recurso à repressom para afogar o levante popular. Mais recentemente, a violência fascista espanhola, espoletada contra milhares de galegos e galegas mortas em 1936 e nas décadas seguintes, ao lado de outros dados objectivos como a fortaleza da guerrilha antifranquista que de maneira ininterrompida se prolongou quase até o fim da ditadura, significáram novas provas da dignidade e empenho de nom poucos galegos e galegas na defesa de valores como o progresso social e a identidade colectiva da nossa comunidade nacional.

A tendência geral dos povos a magnificar os seus factos passados bate no nosso caso com um auto-desprezo que nos foi incutido por séculos de menosprezo por parte do expansionismo hispano. Daí devermos esforçar-nos por manter um equilibrio entre a necessária restituição da nossa história, quase sempre ocultada e tergiversada, e a reivindicação do presente como mais umha fase desse longo percurso que deve conduzir-nos à conquista da soberania nacional e das liberdades colectivas para a maio-

ria social galega.

Sirvam portanto estas linhas para reivindicar a açom que nos últimos anos tem desenvolvido o independentismo galego como ponta de lança da reivindicação dos direitos civis e a memória histórica na Galiza. A luta contra a permanência dos símbolos franquistas nas nossas ruas e prédios públicos é um bom exemplo desse esforço por parte de um sector social ainda minoritário, esse que contra vento e maré mantém em pé o facho da liberdade nacional como irrenunciável direito colectivo do nosso povo.

Sem esquecermos dignos precedentes como os que na década de oitenta tentáram fazer voar o monumento ao genocídio que presidia a principal praça da cidade de Ferrol, queremos agora lembrar como a esquerda independentista iniciou o presente século alçando a sua voz, e agindo em consequência, contra a permanência da simbologia fascista. É bom recordarmos isto agora que se estendem iniciativas que recuperam a memória das vítimas do fascismo, indo ao encontro da linha reivindicada polo independentismo galego desde há vários anos. Em 2000, lembremos, a estátua equestre do ditador foi pintada de cor-de-rosa, deixando a nu as contradicções do governo municipal dito progressista no Ferrol da altura. Com efeito, BNG e PSOE gastáram logo a seguir meio milhom de pesetas em lavar a horrenda peça de bronze, preocupados por marcar distâncias com as actuações independentistas, num contexto de crescente criminalização das posições soberanistas no Estado espanhol.

Posteriormente, e coincidindo com as obras de remodelação da praça, ambas forças acabariam por retirar "por motivos técnicos" a estátua da histórica Porta Nova ferrolana, mantendo-a, isso sim, em instalações militares da mesma cidade. BNG e PSOE renunciáram também a recuperar o nome próprio dessa praça que ainda hoje, com a volta da direita espanhola ao poder municipal, continua a manter o da ditadura: a inevitável e constitucional "plaza de España" presente em cada cidade e em cada vila da Galiza como legado simbólico do franquismo.

Pouco depois, em Compostela, militantes independentistas pintáram da mesma cor-de-rosa um enorme escudo imperial espanhol num acto público em 2001, coincidindo com o julgamento dos quatro activistas que meses antes pintaram a estátua equestre em Ferrol. Posteriormente, a esquerda independentista galega tem promovido



Estátua de Franco eliminada da paróquia de Sam Mateu de Trasancos

Paulo Rico



Ubicación actual do chamado "cabeçom"

A Penela

diversas iniciativas contra os símbolos franquistas ao longo do País. Em Ponte Areas criou-se em 2002 umha plataforma cidadá que reivindicou a eliminação do chamado "cabeçom", busto dedicado ao general Franco por iniciativa do PP. Só a insistência e pressom contínua da citada plataforma obrigou a que a instituição municipal acabasse por retirar tam macabra homenagem ao fascismo nessa vila do sul da Galiza. A própria plataforma optou por retirar directamente as placas com nomes de ruas dedicados a notórios assassinos fascistas, umha vez que o governo PSOE-BNG-PP adiaha indefinidamente as suas responsabilidades na questom. Também em 2002, militantes independentistas pintáram o escudo fascista gigantesco que preside em

Ourense, de maneira eloquente, o palácio de Justiça. O prédio acabava de ser restaurado, e nem as instituições nem os partidos que se gabam de democráticos tivéram a elemental iniciativa de aproveitar as obras para retirar o escudo, nem sequer "por motivos técnicos" como em Ferrol meses antes.

Já a inícios de Dezembro de 2003, foi novamente o nosso independentismo que pujo em evidência as contradicções das forças do sistema, que comemoravam os "25 anos de paz constitucional" condenando a eliminação de umha estátua de Franco na paróquia de Sam Mateu de Trasancos, no Concelho de Narom. Voluntários e voluntárias independentistas faziam coincidir um acto de homenagem às vítimas da repressom franquista na comar-

ca, organizado pola Associação Memória Histórica, com a queda a golpes de maça da figura infame em cimento do general golpista espanhol.

Como outras vezes, nom só políticos abertamente pró-franquistas como os do PP condenáram a açom. Significados líderes comarcais do PSOE e da supostamente galeguista "Unidade por Narom", governante nesse concelho, condenáram a "imposiçom" da organização política independentista, NÓS-UP, que deu cobertura a umha açom que vinha somar-se à homenagem às centenas de retaliados e retaliadas por parte do franquismo na comarca de Trasancos. Nenhum deles denunciou, naturalmente, as manobras policiais de caça e captura contra jovens polo único motivo de serem independentistas e antifascistas, incluindo acusações falsas e construíram de provas com base em falsos testemunhos. Sentou mal que as pessoas que realizáram a audaz açom desaparecessem antes da chegada ao lugar das forças repressivas, e alguém tinha que pagá-lo.

Cómico e patético foi ainda, no mesmo dia 7 de Dezembro, ver como os membros do serviço de informação da policia espanhola procuravam entre as silveiras a cabeça em cimento do ditador espanhol, misteriosamente desaparecida após o golpe de maça que a fijo cair do topo da peanha. A cabeça nom apareceu mais...

A realidade é que os partidos auto-proclamados progressistas governáram nos concelhos da comarca trasanquesa durante a maior parte das legislaturas durante as últimas décadas, sem que nenhum deles tenha mostrado o mais mínimo interesse por retirar umha simbologia imposta sem qualquer consulta popular. Umha simbologia nunca legitimada e que, como afirmou o poeta Dario Joám Cabana no acto poético decorrido na mesma manhá em que a estátua franquista caía, deve ser eliminada por qualquer meio, umha vez que as instituições emanadas do constitucionalismo espanhol continuam a mostrar, 25 anos depois da sua imposição, o seu absoluto desinteresse no tema.

Parabéns, portanto, à militância e base social independentista, que neste tema está a representar a dignidade de um povo nom tam dócil como alguns e algumas supõem. Nestes últimos anos de actividade contra a permanência da simbologia fascista no nosso país, e ante a passividade institucional, tem-se demonstrado que, em ocasiões, vale mais fazê-lo que mandá-lo.

portal galego da língua

Problemas para casar em galego... na Galiza

PGL / A Mesa. A principios de Dezembro produziu-se mais um caso de indefensom perante unha discriminaçom lingüística, nesta ocasiom no Registo Civil de Santiago. Um casal compostelano solicitou casar em galego, mas, perante a inexistência de documentaçom na nossa língua, os funcionários propugérom que fossem os próprios moços a traduzirem os impresos. Em caso contrário, teriam que esperar até três meses para que chegasse a traduçom 'oficial'. Também fôrom informados de que se pretendiam fazer a cerimônia de casamento em galego, teria de ser habilitado um ou unha intérprete, pois o juiz que lhes correspondia nom era galego. Finalmente, e depois de um mês e meio de espera, o casal poderá casar sem mais demora e à integra em galego... na Galiza.

Quintana propom criaçom do Instituto Castelao

PGL. "Termos mais cultura galega no mundo, termos mais Galiza no mundo", com este intuito Anxo Quintana lançou em Rianxo, no passado dia 7 de Janeiro, a criaçom do Instituto Castelao. Quintana acrescentou que com ele conseguiríamos "dotar as instituçons galegas de uma ferramenta de que actualmente carecem para projectar a nossa cultura e para pôr no mapa a figura do grande patriota de Rianxo". "Impulsionar e gerir unha rede de centros de estudo e investigaçom que espalhem e defendam o nosso idioma e a nossa cultura polo mundo fora", foram os objectivos básicos que o novo líder bloqueista salientou para o instituto.

Livro mais vendido em 2003, redigido na nossa língua

Valentim R. Fagim

O brasileiro Paulo Coelho foi apontado pela revista "Publishing Trends" como sendo o escritor que mais livros vendeu durante o ano 2003. Onze Minutos, livro mais recente do autor e imortal da Academia Brasileira de Letras, teria até superado o fenómeno editorial "Harry Potter e a Ordem da Fénix".

Tem como protagonista Maria, uma prostituta brasileira que mora na Suíça. Paulo Coelho discute o amor e o lado sagrado do sexo.

PGL e o Grupo Local da AGAL, parceiros do projecto "Falares sem cancelas", portas abertas ao reintegracionismo em Rádio Alhariz

José Manuel Barbosa

Desde o dia 9 de Janeiro, sexta-feira, realiza-se em Rádio Alhariz o programa de rádio "Falares sem Cancelas" fruto da colaboraçom entre essa rádio e a AGAL-Ourense. Podemos ouvir este programa todas as sextas-feiras das 17h00 às 19h00. Nele, podemos acompanhar a actualidade do que diz respeito à nossa língua galego-portuguesa, na Galiza e no mundo, no 107.2 da FM no dial.

Entre outras, destacam as seguintes secçons: Noticiário da Língua: a situaçom da nossa língua ou quaisquer outra línguas da Europa ou do mundo. Falar com



Jeito: pequenas aulas sobre assuntos técnicos em relaçom aos usos da língua, apontamentos sobre correcçom, maus usos, etc. Conversas com...: entrevistas com personagens sobre questom relacionadas sempre com a nossa

língua. Músicas lusófonas: aqui promocionarám-se as criaçons musicais e os autores em galego-português de todos os países da nossa língua: Galiza, Portugal, Brasil, PALOPs, Timor, etc... Você que opina??: secçom destinada a envolver os ouvintes com piadas, perguntas, jogos, cantigas, etc... O público poderá participar ora chamando por telefone ora escrevendo para a estaçom de rádio.

O PGL (Portal Galego da Língua) contribuirá também para este importante projecto colocando na Galeria PGL os programas que se forem emitindo a fim de poderem ser ouvidos em qualquer lugar da Galiza e do mundo.

Grande sucesso das Jornadas da Língua em Vilar de Santos

PGL. O Portal Galego da Língua, o lexicógrafo Isaac Alonso Estraviz e o académico Bernárdez Vilar foram os protagonistas das Jornadas da Língua que em Vilar de Santos realizaram conjuntamente a 'Associaçom Galega da Língua', a 'Juventude pola Autodeterminaçom', a 'Associaçom O Covelo' e a 'Câmara Municipal de Vilar de Santos'. Celebradas em 26 e 27 de Dezembro. O PGL foi o protagonista do primeiro dia. Com o título: "Internet: Comunicaçom e Língua (PGL como exemplo)". Vítor Manuel Lourenço e Miguel R. Penas, verdadeiras almas do Portal Galego da Língua, mostrárom as potencialidades da nossa língua no mundo e como a partir de um óptica nom regional podiamos obviar o espanhol no que diz respeito ao Software ou a quaisquer realidades existentes na rede. Apoiando o seu colóquio com aparelhagem audiovisual, nomeadamente Internet, o que tornou o acto muito ameno. No fim abriu-se um turno de perguntas onde as pessoas assistentes puderam exprimir as suas curiosidades, opinions e dúvidas. O assistência foi de 45 pessoas que tinham entre 18 e 25 anos.

Portal Galego da Língua ultrapassa 100.000 visitas em 2003

Dezembro foi o mês com mais páginas vistas, quase 200.000

PGL. O site da Associaçom Galega da Língua, continua a manter a boa saúde numha progressom espectacular. Os últimos quatro meses do passado ano significárom um espectacular salto qualitativo na audiência do PGL, sempre superando as 12.000 visitas e os 4.000 visitantes diferentes, segundo os dados fornecidos polo serviço de hospedagem.

Embora nom se conheça com absoluta certeza de onde é que procedem todos e todas as visitantes, os diferentes contadores instalados permitem afirmar que quase 20% das visitas procedem do Brasil e de Portugal em percentagem similar. Isto mostra o grande trabalho informativo e pedagógico que o PGL está a desenvolver na Lusofonia. Da comunidade galega no exterior também chegam numerosas visitas. Só assim podemos explicar o facto de se receberem dos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Argentina, Suíça, França, México e Holanda, ao todo, por volta de 5 % das visitas. Os dados do PGL em 2003 podem qualificar-se como um grande sucesso: 101.200 visitas e 1.394.097 páginas vistas. Isto significa unha média de 277 visitantes por dia.



o Portal conta com 117 ligaçons a outros webs

Os dados do PGL em 2003 podem qualificar-se como um grande sucesso: 101.200 visitas e 1.394.097 páginas vistas. Isto significa unha média de 277 visitantes por dia. Um número que no último terço do ano supera as 400 visitas diárias

tes por dia. Um número que no último terço do ano supera as 400 visitas por dia. No mesmo ano 2003, o PGL colocou um total de 625 notícias, o qual significa quase duas notícias por dia. Outras das secçons estrela do Portal som os Foros de discussom. Eles protagonizam na actualidade 20 % das visitas recebidas.

O site da AGAL torna-se assim no grande centro de relacionamento da família reintegracionista, com unha comunidade de utilizadores e utilizadoras registadas que ascende a 646. Para além disto, o Portal conta com 117 ligaçons a outros webs e já fôrom colocados mais de 1.000 comentários às notícias. Dados que reflectem a interactividade do Portal como unha das chaves do seu sucesso.

TILG lançado como dicionário de dicionários

PGL. O 'Instituto da Língua Galega' (ILG) lançou na Internet o 'Tesouro Informatizado da Língua Galega' (TILG), um banco de dados de mais de 90.000 palavras significativas (conhecidas como lemas) que integram num só verbete todas as variantes dialectais e gráficas e ainda as derivaçons combinativas (plurais, designaçom verbais, etc.). Na base encontra-se unha espécie de compilaçom de diferentes textos, só galegos, publicados desde 1612 até à actualidade, pensada como corpus para a produçom de dicionários. Pode ser consultado na Internet, embora esteja sem completar no cem por cento, para destarte verificarmos se os textos produzidos polo reintegracionismo também foram levados em conta, ainda que o critério normativo empregue fosse o do isolacionista Vocabulário Ortográfico do próprio ILG.

música

José Constenla "o que acontece em Compostela em relação com os locais para tocar é umha vergonha"

“Sou defensor do contrabando em tempo de brinquedos rotos como o actual”

Depois de termos feito em anteriores números um percurso através de numerosas bandas do nosso país que vam do reggae-ska até ao hip-hop, damos hoje a palavra a um cantor-compositor. Com este músico e geógrafo, vamos rever diversas questões que dizem respeito à música e à cultura no País e internacionalmente.

Davide Loimil e Inácio Gomes

Como é o dia-a-dia a ensaiar e a compor de um cantor de intervenção? E já agora, no último concerto a que pudemos assistir contaste com umha banda, vais tocar habitualmente com ela?

Realmente, podemos dizer que nom sigo un regime muito rígido na hora de ensaiar ou compor. Eu sempre digo que cantar é umha ocupação que realizo porque sinto que tenho algo que chegar. O dia em que sinto que já nom tenho un objectivo, um fim... umha luta, digamos assim, esse dia eu deixarei de subir para o palco. Nunca sabes quando chega o impulso, essa pequena alquimia precisa para recriar em palavras e em notas o teu estado de ánimo, o teu olhar sobre certas questões que te preocupam e inquietam, ou mesmo que te fai ver as cousas de outra maneira mais pessoal e íntima.

É verdade que nos últimos concertos tento acompanhar-me de amigos que com a sua música fam das minhas canções un universo mais acolhedor e atraente para o público. Pretendo deixar un pouco a imagem de cantor-compositor acompanhado de guitarra, introduzindo percussom, flautas, baixos... deste modo, as canções gozam de maior acomodo.

És un clássico nos locais da Compostela da "Cultura". Qual é a tua opinião sobre o panorama cultural da tua cidade?

Às vezes, tenho a impressom de estar a chegar tarde. Realmente, teria que ser muito duro para responder a esta pergunta. Em minha opinião o que está a acontecer em Compostela em relação com os locais para tocar é umha vergonha. Existem locais e

empresários dispostos a oferecer condições para a encenação de grupos musicais que nom temem outros cenários, temos bons músicos e grupos... no entanto, temos que aturar todos os dias as constantes agressions por parte de ordenanças municipais. Seria agradável observar outras sensibilidades entre os e as responsáveis por gerir os espaços culturais em Compostela. Oferecer cousas de qualidade, como as que estão a surgir em todo o País, depende de pouco mais que boa vontade. Olha para a perseguição que sofrem os chamados "músicos e músicas da rua". É lamentável. Este ano, por exemplo, flamejante jacobeu fraguiano, temos que aguentar o conselheiro da cultura a dizer asneiras sem saber que quem se deve "pôr a tiro" é ele. Eu próprio, neste ano, vou ter mais concertos além da Galiza (Leom, Valhadolid ou Portugal) do que aqui, em Compostela.

Para quando umha sala de concertos em Compostela adequada às necessidades e às pretensoms de grupos e artistas que estão a começar? Este é un grave conflito.

Há já tempo comentavas que querias gravar. Como vai isso? Quais os teus novos projectos?

Efectivamente, estou a arranjar os últimos pormenores para gravar umha maquete em boas condições (esperemos que chegue a ser algo mais do que umha maquete). Estou com bons músicos: Paulo Gacio à flauta, Rafa Gradín com a percussom e Fran Santos com o baixo. Estou a acabar de escolher, com Luis Soto, dez ou doze temas que ele próprio se encarrega de arranjar para introduzir matizes com teclados e com acordeom. Enfim, espe-



"Estou a arranjar os últimos pormenores para gravar umha maquete em boas condições"

ro ter em breve o projecto em andamento. Aliás, tentarei ter boas colaborações de amigos que podem dar algo de diferente ao típico estilo da canção de autoria (Carlos Ruiz "Litus", David de Drinkin Tinto, Sebas de Ruxe-Ruxe, Brais Morán de Loretta Martin...).

As e os cantores-compositores sempre estiverom bastante vinculados à "canção de intervenção". Como pensas que deve funcionar o binómio música-mensagem neste género musical?

Há décadas que o José Mário Branco nos diz nas suas músicas que "a antiga é umha arma". Hoje mais do que nunca existe un espaço dentro da música que deve ser sensível às injustiças, às tristezas alheias, aos dramas urbanos, etc. O compromisso social e político estivo sempre muito ligado ao movimento dos cantores-composi-

tores. As lutas pacíficas contra a guerra do Vietnam, os processos de libertação revolucionários em Latinoamérica, do Chile a Cuba, ou a época da chamada "transição" política no Estado espanhol nom se escreveriam na altura do modo que se registárom sem o matiz musical e poético achedado por autores como Dylan, Silvio, Victor Jara ou Serrat e Llach. No entanto, eram tempos em que a mensagem era o fundamental dos concertos, porque eram tempos em que "a poesia era umha arma carregada de futuro".

A luta levada às canções, o binómio música-mensagem -como tu dizes- toma hoje un corpo de jeito mais sutil, menos provocador. Eu tento fugir dessa postura. Quando canto pola independência da Galiza ou polos direitos das minorias, fago-o com a absoluta tranquilidade que outorgam algumas certezas que tenham de estar sempre muito presentes: só se perde a luta que se abandona.

Há uns anos houve un boom, estavam na moda os cantores e as cantoras-compositoras, foi isso benéfico para a canção de autoria? Como está na actualidade este panorama?

Em minha opinião, o sucesso da canção de autoria nom pode interpretar-se através de listas de vendas. Excepto em certos discos de Sabina e Serrat, nom creio que nenhum outro cantor-compositor poda competir com a selvagem indústria musical que nos bombardeia na actualidade. Umha música que está pensada para transformar algumas estruturas -ainda que sejam estruturas domésticas- que tem a sua alma motriz nas profundidades do coração, que é impulsionada polo amor e a beleza, nom pode ficar presa nas garras do consumismo, nem nas modas.

Para terminar, dá-nos a tua opinião brevemente sobre os seguintes temas de actualidade:

Operação Triunfo: Se falarmos de música, ignoro profundamente a sua produção. Se falarmos de indústria televisiva, de marketing e de incultura, entom, considero que Operação Triunfo é de facto un grande sucesso. Conseguíu impor a ditadura do "estilo único" sem que exista direito a apupar.

Mp3, intercâmbio de música na rede: Livre movimento de pessoas polo mundo, intercâmbio de culturas, miscigenação e novas influências. A corrente de artistas contra a "música pirata" cheira a capitalismo selvagem. Sou defensor do contrabando em tempo de brinquedos rotos como o actual.

local social

a sereia
 rua jasmins, 13 - compostela - galiza - tlfax: 981539402

A Peneira
 Xornal Galego de Información Xeral
 www.apeneira.com

TABERNA LA BARRIKA

 ESPECIALIDADE EN PINTXOS
 Rue San Pedro, 21
 Santiago de Compostela
 Tel: 981 58 68 09

COPISTERIA T44
 Fotocopias • Papelería
 Encuadernacións • Planos
 Fax • Cartéis • Tarxetas
 Tesís • Tesiñas
 Impresión dixital e laser
 R/ San Roque 31 B. T-Fax: 981 566 896
 R./ República Argentina 44 B. T-Fax: 981 592 626
 SANTIAGO

MINHOGRAF
 Serigrafía
 Teléfono 619 419 338 Ourense

la entrevista | Lupe Cês

“No PP o feminismo provoca alergia polo seu carácter transformador”

Lupe Cês é representante da Marcha Mundial das Mulheres na Galiza

Marta Salgueiro

Por unha Europa de todas: diferentes sim, desiguais nom. Esta é a legenda sob a qual se celebrará em Vigo a Marcha Mundial das Mulheres da Europa no mês de Maio. Umha cita que combinará o tom lúdico com o reivindicativo. Serán días de celebración, com a Feira Feminista e concertos. Mas será também o momento de fóruns e debates sobre o feminismo, o ambiente ou a futura Constituição Europeia. As mulheres convocadas em Vigo brigam por umha Europa da igualdade, da solidariedade, umha Europa onde todas podam participar. Para o dia 23 de Maio foi convocada umha grande manifestação de mulheres de toda a Europa em que se espera que percorram as ruas da capital Olivica tantas ou mais mulheres que na passada manifestação em Bruxelas. A Coordenadora Galega da Marcha Mundial das Mulheres é composta por mais de 40 colectivos. Grupos feministas do País, sindicatos, partidos...e mulheres a título individual que participam e colaboram com a Marcha. Umha coordenadora que continua aberta à participação de qualquer mulher que queira contribuir com o seu grao de areia.

Como vam os preparativos para a cita das mulheres europeias na Galiza?

Estamos já a preparar os últimos pormenores. Temos agora muito trabalho, sobretudo estamos a realizar muitas gestos nas instituições para obtermos o financiamento suficiente que esperamos conseguir. Temos muitas despesas derivadas dos actos celebrados, como a Feira Feminista, para poder trazer as mulheres participantes nos fóruns e debates... Em definitivo, toda a infra-estrutura necessária para podermos desenvolver de forma correcta esta cita em

Vigo. Estamos a receber, em princípio, apoio de várias câmaras municipais e também da Deputação da Corunha, que se prestáram a colaborar, mas encontrámos problemas nos departamentos dependentes da Junta da Galiza, como as Conselharias dos Assuntos Sociais e da Família ou o Serviço Galego da Igualdade. Aquí topamos com respostas negativas. Estamos também a gerar os nossos próprios recursos com a venda de material, mas as despesas som grandes e necessitamos o apoio das Conselharias. Neste sentido, estamos a ter muitos problemas. O feminismo é um movimento transformador e por isso o PP é alérgico ao feminismo. Parece que tudo o que seja trabalhar por um mundo mais justo transformando a realidade... incomoda.

A mudança de governo municipal em Vigo influiu?

Nom se pode saber porque por enquanto ainda estamos a negociar. O PP nom está a resolver os grandes problemas que o feminismo coloca, a violência de género, a discriminação... som questions que nom entram dentro do programa do PP. De facto, están a reforçar todas as estruturas machistas: o exército, a igreja, o militarismo... tudo isso está a ser impulsionado polo Partido Popular. Mas nós, a nível local, esperamos que com as negociações que estamos a ter, o feminismo poda recolher um pouco do dinheiro público que lhe corresponde. Aliás, para a Cidade de Vigo esta mobilização será muito importante e esperamos que isto o saiba entender a nova corporação municipal.

Tenhem-se feito cálculos aproximados do número de mulheres que acudirám?

Nom, por enquanto nom sabemos. Confiamos, claro, em que há-de ser maior, mais importante ainda que a de Bruxelas, mas



Lupe Cês, segunda pola direita, com companheiras galegas da Marcha Mundial

nom pode garantir nada. Nom sabemos que apoio vamos receber das mulheres europeias nem das galegas. Mas sim é certo que agora há muitas razons para nos mobilizarmos, inclusive mais do que no ano 2000, pola situação internacional. Na Marcha concordamos com as pessoas que están a dizer que nunca o mundo foi tam injusto, tam violento, tam desigual como agora. Necessitamos, com certeza, mobilizar as mulheres para dizer juntas e muito forte aquilo que pensamos. Também temos que levar em conta que o ano 2005 será também o ano das mobilizações internacionais, e por isso, nom sabemos muito bem como vam responder as mulheres, mas temos a certeza de que em Vigo se vai ouvir forte a nossa voz.

Além das mulheres organizadas em colectivos, na Marcha também participam pessoas a título individual. Ainda está aberta a este tipo de participação?

A Marcha está totalmente aberta à participação das mulheres de forma individual ou colectiva. Quem quizer, pode encontrar toda a informação na página www.feminismo.org. Cumpre dizer também que a Feira Feminista será totalmente livre e aberta à participação de todas as mulheres. Nos fóruns sim tere-

mos que impor um limite de percentagem na participação, já que o Auditório tem umha capacidade limitada. O espaço será reservado por rigorosa ordem de inscrição.

Quais vam ser as principais actividades que se desenvolverám em Vigo no mês de Maio?

A Feira Feminista será situada na zona portuária. Abrirá as portas no sábado 22 de Maio desde as dez da manhã ate às dez da noite. Haverá nove espaços dedicados à violência, imigração, educação para a igualdade, Mulheres e Espiritualidade, Liberdades sexuais, Saúde e Direitos Reprodutivos e Antimilitarismo. O Fórum Feminista será no centro cultural Caixa Nova. Na manhã do sábado falaremos d'A sustentabilidade ecológica: alternativas feministas e à tarde dos Contributos feministas na origem e no desenvolvimento de umha constituição europeia. À noitinha, no Parque de Castrelos, até à madrugada teremos um concerto com grupos fundamentalmente de composição feminina. Para o domingo 23 de Maio esperamos umha grande manifestação das mulheres de toda a Europa, na qual percorrerám as ruas de Vigo tantas ou mais mulheres que na anterior manifestação de Bruxelas.

Cinzento

Kiko Neves

É sempre a mesma cousa. Um novo ano e, ao cabo, os fôlegos consumistas do Natal acabam numha enchente que tira acenos apáticos no cidadão ou cidadá. Esta "nossa" democracia mercantilista é o que tem: narcotiza. Basta já de cidadãos e cidadás: unidades de consumo, definitivamente. Portanto, já só somos iguais diante da quenda do hipermercado: todos parvos a olhar de esguelha o mais profundo dos vazios. O Poder, os poderes sorriem alegres diante da sua vitória.

Para as unidades de consumo, esmagadas na derrota, tanto fai já o menteiro/verdadeiro do mundo real. Quer seja um novo "decretação" imperialista para mudar o Código Penal, quer seja a última oferta de um DVD com regravadora e disco rígido a pagar em três meses; quer seja o acovardamento da oposição no Parlamento galego sob o absolutismo do PP, quer seja a colecção de peixinhos da ria do Faro de Vigo. Assim, a solene "fugida" de um Aznar com a lama do terrorismo de Estado presa nas botas, nom deixa o olhar mais cansado do que a vertigem que produz a data do ano 2035, correspondente com a última quota do empréstimo hipotecário.

Tudo misturado até tomar a mesma cor. Cinzenta. Somos isso. Cinzento. Um ano sim e outro também.

De trinta e um de Dezembro a primeiro de Janeiro. Um outro ano, cinzento. O teimoso engodo de sempre. Já nada é mentira. Tudo o que está aí fora é a "verdade" que nos magoa, que nos enlouquece. Que nos adormece. A revolução, aquela, acovilha-se no exílio interior, perseguida. Quando nom muda em jolda festiva, romântico e inofensivo, para esquecer. "A manife de Nunca Mais em Madrid, estivem ali", dizes ao menino, mostrando as fotos gravadas no DVD, ao pé do quadro dos peixinhos, enquanto o teu sorriso, o do dia que fomos parque temático da República galega no Madrid estrangeiro, esvai-se ao fazeres as contas do hipotecário.

De ano velho a ano novo. De quarta-feira a quinta-feira, simplesmente. Sempre a mesma cousa. Logo depois de um dia vem outro, e será mais cinzento. Feliz 2035.